



**Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento**

***O CONCEITO DE ANSIEDADE NA ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO***

Discente: Nilzabeth Leite Coêlho

Orientador: Prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho

Belém

2006



**Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento**

***O CONCEITO DE ANSIEDADE NA ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO***

Nilzabeth Leite Coêlho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho

Belém
2006

“Até mesmo o esperar por um novo prazer
Não seja amesquinhado em crítica mordaz
Ardente inspiração em meu peito, a sofrer
Com tantas amarguras dum viver sem paz,
E quando a noite chega, ainda estou ansioso,
Com angústia a estender-me em meu áspero
leito. Mesmo aí nenhuma paz jamais posso
obter”.

(Goethe, Sofrimentos do jovem Werther).

AGRADECIMENTOS

Pensar em todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para o término deste trabalho é uma tarefa certamente para além destas páginas.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, que mesmo sem entender muito bem a importância deste projeto para mim e a minha opção por continuar morando em Belém, me incentivaram a ir em busca dos meus sonhos. Às minhas irmãs e familiares, que mesmo de longe se mostraram sempre preocupados e torcendo por mim.

Aos amigos conquistados no mestrado: Paulo Delage, Viviane Rico e Mislene. Pela amizade construída no decorrer das disciplinas e pelo clima de apoio mútuo. Aos demais amigos construídos e descobertos durante este percurso: Aécio, Amanda, Gislaíne e Mariana Paz. Pelos momentos de lazer e por todo o carinho.

Às amigadas eternamente imprescindíveis: Adriana Baldez, Ádria, Aline Beckmman, Alline Fabíola, Aline Rocha, Chiara, Gracy, Karla, Márcia, Mariana Mendonça, Michele, Paulo Goulart. Amigadas essas, que vão além do que as palavras podem expressar e que não conhecem tempo, nem distância.

Aos colegas do grupo de pesquisa, por compartilharem comigo todas as etapas de construção desta dissertação. Especialmente à Rosângela Darwich, pela co-orientação tão importante na etapa inicial deste trabalho.

Aos eternos professores de Iniciação Científica, Solange Calcagno e Olavo Galvão, por me mostrarem a delícia de se fazer pesquisa e por acompanharem o meu percurso com tanto cuidado e apreço.

Às poderosas colegas de trabalho do Cesupa: Aline, Ana, Cris, Elza, Rosa e Silvia Pessoa. Pelo incentivo e cuidado comigo nos períodos finais deste trabalho.

À Banca Examinadora, por aceitarem o convite para participar deste processo junto comigo.

Ao meu amor, Tiago de Man, meu porto seguro, amigo inigualável. Pelo apoio, carinho e delicadeza. Por me proporcionar momentos de leveza. Por me fazer rir e por não me deixar desistir. Pelas discussões e preciosas sugestões a este trabalho. E se tudo isso não bastasse, eu agradeceria apenas por você ser como é e por me mostrar um mundo belo e repleto de possibilidades.

Ao meu orientador, Emmanuel Zagury Tourinho, pelo exemplo de dedicação e profissionalismo. Pela paciência, pelas correções realizadas sempre de forma tão assertiva. Por acreditar em mim. Muito Obrigada.

ÍNDICE

RESUMO	i
ABSTRACT	ii
APRESENTAÇÃO	1
INTRODUÇÃO	3
MÉTODO	19
RESULTADOS	26
DISCUSSÃO	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS	iii
• ANEXO 1 – LISTA DE ARTIGOS SELECIONADOS	iv
• ANEXO 2 – FREQUÊNCIA DE AUTORIA (OU CO-AUTORIA) NOS ARTIGOS SELECIONADOS	viii
• ANEXO 3 – SÍNTESE DAS OCORRÊNCIAS DE CATEGORIAS DE REGISTRO POR TEXTO	ix

COÊLHO, Nilzabeth. Leite. (2006). *O conceito de ansiedade na análise do Comportamento*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará. Belém – Pará. 118 Páginas.

RESUMO

A temática da ansiedade tem sido discutida na Psicologia enfocando os mais diferentes aspectos, mas uma definição consensual está longe de ser alcançada. A dificuldade se explica por diversas razões, dentre elas a ausência de uma referência precisa a relações comportamentais. Na literatura da Análise do Comportamento, também são encontradas divergências. Algumas explicações enfatizam o papel das contingências diretas como controladoras dos padrões de respostas ansiosas. Outras definições abordam aspectos verbais como possíveis fontes adicionais de controle. Nessas últimas, as múltiplas funções dos relatos autodescritivos dos indivíduos e o condicionamento semântico têm sido apontados como prováveis explicações. No presente trabalho, foram examinados 47 textos na literatura Analítico-Comportamental a fim de identificar os tipos de relações comportamentais que estão sendo sugeridas nos diferentes usos do conceito de ansiedade na Análise do Comportamento e a (in) compatibilidade dessas abordagens. O estudo tomou como referência categorias de registro que se referem ao que cada autor veicula em termos de componentes respondentes, operantes não verbais, operantes verbais e de perspectivas de intervenção. Uma análise mais qualitativa foi realizada com o uso de categorias analíticas que se reportam ao papel desempenhado pelas alterações fisiológicas na definição de ansiedade, das relações operantes verbais e não verbais envolvidas no fenômeno, e das implicações de cada uma dessas análises para a terapia verbal face a face. Este exame possibilitou a identificação de variações nas definições quanto ao tipo de relações comportamentais envolvidas; ao arranjo de contingências que produzem aquelas relações; às condições corporais produzidas concomitantemente pelas mesmas contingências; às funções dessas condições corporais nas relações comportamentais e aos processos por meio dos quais estímulos verbais participam dessas relações. No entanto, essas variações na definição podem ser entendidas enquanto análises complementares e não incompatíveis entre si. A explicação dos fenômenos comportamentais com base em um continuum de complexidade pode apresentar-se como um modelo capaz de agregar essas variações, possibilitado um entendimento das redes de relações que podem participar de uma instância de ansiedade, bem como da função desempenhada por cada um de seus componentes.

Palavras-chave: ansiedade, análise do comportamento, eventos privados.

COÊLHO, Nilzabeth. Leite. (2006). *The concept of anxiety in Behavior Analysis*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará. Belém – Pará. 118 Páginas.

ABSTRACT

Issues concerning to anxiety have been discussed in Psychology focusing several different aspects, but definitions of anxiety are far from consensual. The difficulty is due to several reasons, among which is the lack of a precise reference to behavioral relations. Divergence is also found in behavior-analytic literature. Some accounts stress the role of direct contingencies in controlling patterns of anxiety responses. Other definitions approach verbal aspects as possible sources of additional control. In the late accounts, the multiple functions of one's self-descriptive reports and also the semantic conditioning have been pointed out as possible explanations. In the present work, 47 papers were examined in the behavior-analytic literature in order to identify the types of behavioral relationships that are being suggested in the different uses of the concept of anxiety in the Behavior Analysis and the (in)compatibility of those approaches. The study took as reference categories of register that refer to what each author says in terms of respondent, not verbal operant, verbal operant components, and intervention perspectives. A more qualitative analysis was carried out with the use of analytical categories that refer to (1) the role performed by the physiologic alterations in the definition of anxiety; (2) the verbal and nonverbal operant relations involved in the phenomenon, and (3) the implications of each one of those analyses to a face-to-face verbal therapy. This exam made possible the identification of variations in the definitions concerning to (1) the type of behavioral relations involved; (2) the arrangement of contingencies that produce those relations; (3) the corporeal conditions produced concomitantly by the same contingencies; (4) to the functions of those corporeal conditions in the behavioral relations, and (5) the processes through which verbal stimuli participate in those relations. However, those variations in the definition can be understood as complementary analyses not incompatible with each other. The explanation of behavioral phenomenon based on a complexity continuum can be a model capable of joining those variations, making possible an understanding of (1) the relational network that can take place in an instance of anxiety, as well as (2) the function carried out by each one of the components in the anxiety.

Keywords: anxiety, behavior analysis, private events.

APRESENTAÇÃO

A Análise do Comportamento, enquanto sistema explicativo, tem se dedicado a elaborar conceitualmente questões referentes a sentimentos e emoções, partindo do pressuposto de Skinner (1989) de que o que as pessoas sentem é tão importante quanto o seu comportamento.

Skinner (1945) inicia a discussão da temática da subjetividade introduzindo o conceito de eventos privados, que seriam aqueles eventos inacessíveis à observação pública direta. A partir de então, analistas do comportamento têm usado o termo para referir-se a sentimentos, pensamentos, emoções, cognições etc. Como afirma Tourinho (1999), “o conceito de eventos privados é o conceito básico com o qual o behaviorismo radical tenta lidar com a problemática da subjetividade, ao mesmo tempo em que sustenta um projeto de Psicologia como ciência do comportamento” (p. 13).

No entanto, há vários problemas a serem analisados com respeito à definição de termos psicológicos, principalmente aqueles relacionados a sentimentos e emoções (c.f. Friman, Hayes e Wilson, 1998; Skinner, 1945; Skinner, 1989). Por exemplo, segundo Skinner (1989), “todas as palavras usadas para designar sentimentos começaram como metáforas e é significativo que a transferência sempre tenha sido do público para o particular. Nenhuma palavra parece ter sido originalmente cunhada para denominar um sentimento” (p. 8).

Segundo Tourinho (no prelo), qualquer conceito científico pode ser entendido enquanto uma resposta verbal sob controle de estímulos mais ou menos específicos. Entender o significado de qualquer termo, portanto, implica em buscar as contingências das quais a resposta verbal específica é função. Isto é, os conceitos científicos devem ser

interpretados como “respostas verbais emitidas sob um controle mais preciso de estímulos, podendo ser assim menos ambíguos, diferenciando-se dos termos da linguagem que as pessoas usam nas suas interações cotidianas umas com as outras” (Tourinho, no prelo, p.01).

No que tange à ansiedade, enquanto conceito psicológico, divergências são comuns e existem devido o fato de diferentes autores utilizarem o conceito sob controle de eventos diferentes. De acordo com Pessotti (1978) “a evolução cultural impõe a cada período histórico um dado conceito dominante de ansiedade, seja ele clínico ou filosófico ou filosófico-clínico (p. 97)”.

Segundo Friman, Hayes e Wilson (1998) essa imprecisão terminológica quanto ao conceito, tanto da ansiedade quanto de qualquer outro sentimento, seria favorecida pelo constante uso de metáforas, o que acaba por dificultar a construção de definições e explicações mais claras dos fenômenos correspondentes. Com relação à ansiedade, estes autores afirmam que, mesmo que se tenha dispendido bastante tempo na tentativa de compreender o fenômeno, este esforço não tem ajudado para diminuir a diversidade de explicações a respeito do tema; ao contrário, essas explicações têm se tornado cada vez mais ambíguas.

O presente trabalho teve como objetivo examinar os diferentes usos do conceito de ansiedade na literatura da Análise do Comportamento, partindo das abordagens encontradas em trabalhos teóricos, conceituais e experimentais e também na literatura relacionada a intervenções clínicas analítico-comportamentais. Buscou-se, mais especificamente, caracterizar esses usos do ponto de vista das relações comportamentais referidas na literatura examinada e da (in) compatibilidade das abordagens oferecidas.

Os usos do conceito de ansiedade na Análise do Comportamento têm variado em pelo menos duas direções. Na primeira, há uma ênfase em relações operantes não verbais que definem o fenômeno. Na outra, a ênfase recai em relações verbais e em possíveis relações indiretas entre estímulos. Nesta seção serão apresentadas as perspectivas de Skinner (1965, 1989), Millenson (1967/1975), Fester, Culbertson e Perrot Boren (1977), Lundin (1977), Kanfer e Phillips (1974) e Friman, Hayes e Wilson (1998) sobre o fenômeno da ansiedade. As abordagens desses autores serão relevantes para a contextualização do problema a ser investigado porque representam as duas perspectivas distintas de interpretação do fenômeno. Skinner (1965, 1989), Millenson (1967/1975), Fester, Culbertson e Perrot Boren (1977) e Lundin (1977) oferecem uma explicação da ansiedade enquanto um fenômeno aprendido por meio de relações diretas entre organismo e ambiente. As argumentações de Kanfer e Phillips (1974) e Friman, Hayes e Wilson (1998), por outro lado, enfocam questões referentes à linguagem como fonte de controle de respostas de ansiedade e relações indiretas entre estímulos (públicos e privados).

Para Skinner (1965), a ansiedade deve ser interpretada com uma certa cautela, merecendo uma intervenção baseada nos princípios de uma ciência do comportamento. A ansiedade não poderia ser considerada como causa de comportamentos, visto que o termo refere-se a um comportamento sob controle de certas circunstâncias. A ansiedade, neste caso, seria uma resposta emocional resultante da apresentação de um estímulo que antecede um estímulo aversivo, com efeitos no comportamento operante publicamente observável. Como afirma Skinner (1965), há efeitos emocionais que podem ocorrer apenas “quando um estímulo precede caracteristicamente um estímulo aversivo com um

intervalo de tempo suficientemente grande para permitir a observação de mudanças comportamentais. A condição resultante geralmente é denominada ansiedade” (p. 178). Nesta argumentação de Skinner, a ansiedade seria entendida enquanto uma resposta do organismo mediante uma contingência que envolva um estímulo (pré-aversivo) antecedendo a apresentação de um estímulo aversivo.

Estes e Skinner (1961) realizaram uma série de estudos com o objetivo de oferecer dados experimentais acerca da ansiedade. Com o trabalho intitulado *Algumas Propriedades Quantitativas da Ansiedade*, eles apresentaram os resultados de experimentos nos quais condicionaram um rato a pressionar uma barra consequenciando este comportamento com a apresentação de comida. O comportamento de pressionar a barra era então mantido com uma frequência estável. Apresentando-se sucessivas vezes um tom que era seguido por um choque, o rato diminuiu o seu responder durante a apresentação do tom chegando a parar totalmente. Estes e Skinner (1961) afirmam que esta diminuição na frequência de resposta seria um indicativo de um estado emocional.

No entanto, a diminuição no responder ocorreria somente durante o intervalo entre a apresentação do estímulo pré-aversivo e o aversivo, sendo que, após a apresentação do estímulo aversivo haveria um comportamento compensatório, com altas taxas de respostas. Dessa forma, Estes e Skinner (1961) concluem, então, que “o efeito do estado emocional é uma depressão temporária da força do comportamento, [mas] a soma total do responder durante o período experimental permanece o mesmo” (p. 399).

Ao manipular a associação entre o estímulo pré-aversivo e o aversivo, Estes e Skinner (1961) apresentaram o estímulo pré-aversivo (tom) por várias sessões sem a

apresentação do estímulo aversivo (choque). Os resultados obtidos demonstraram que a frequência das respostas dos sujeitos durante a emissão do som voltou a ser a mesma de antes da associação som/choque. Estes dados indicam a possibilidade de extinção das respostas consideradas de ansiedade diante do estímulo pré-aversivo quando este é apresentado, durante um longo período, sem a associação com o estímulo aversivo.

Com esta série de experimentos, há a reafirmação da noção da ansiedade enquanto uma resposta do organismo, inferida a partir de uma alteração nas taxas da resposta operante mantida por reforço positivo, durante o intervalo entre a apresentação do estímulo pré-aversivo e o estímulo aversivo. Esta diminuição da frequência da resposta operante é temporária, podendo ser restabelecida após a extinção da associação entre estímulo pré-aversivo e aversivo.

Skinner (1989) também estabelece uma diferença entre ansiedade e medo. Para ele, a diferença estaria no fato de que, no medo, o estímulo aversivo é contingente à resposta de pressionar a barra. Ele afirma que,

Nosso experimento teria dado um resultado diferente se o choque tivesse sido contingente à resposta – em outras palavras, se a pressão à barra tivesse sido punida. O rato teria igualmente parado de pressionar a barra, mas o estado corporal teria sido diferente. Provavelmente, ele seria chamado de medo. A ansiedade talvez seja uma espécie de medo (nós diríamos que o rato estava ‘com medo de que ocorresse outro choque’), mas isso é diferente de estar com medo de pressionar a barra ‘porque outro choque pode acontecer’. A diferença entre as contingências é inconfundível (p. 8).

Skinner (1965) considera também que o próprio sentimento pode assumir um

caráter aversivo. Sendo assim, “embora o aspecto emocional da ansiedade possa ser distinto do efeito aversivo condicionado responsável pelo comportamento de evitação, é possível que a emoção também seja aversiva” (p. 179). Para ele, “a condição sentida como ansiedade passa a funcionar como um segundo estímulo aversivo condicionado” (Skinner, 1989, p. 7).

Nesta explanação, Skinner (1989) parece falar de ansiedade dando mais ênfase às alterações fisiológicas sentidas pelo indivíduo ansioso. Neste momento, há uma diferenciação da definição anterior de ansiedade enquanto resposta do organismo, para uma definição de ansiedade enquanto um estado do organismo, ou seja, enquanto uma condição corporal do organismo que pode assumir uma função aversiva. Além disso, este “estado” sentido como ansiedade seria diferente do “estado” de medo pelas diferenças nas contingências envolvidas, embora em nenhum momento Skinner se reporte a uma análise mais aprofundada sobre essa diferenciação.

Millenson (1967/1975), assinala que a ansiedade seria uma resposta resultante da associação entre estímulo pré-aversivo e aversivo e observada pelas mudanças no comportamento operante durante a apresentação da estimulação pré-aversiva. Essas mudanças geralmente se apresentam sob a forma de uma supressão do comportamento operante. Este processo é denominado de supressão condicionada.

Além disso, Millenson (1967/1975) complementa sua análise afirmando que a supressão condicionada pode ocorrer não apenas na presença do estímulo pré-aversivo original, mas diante de estímulos semelhantes a ele. Desta maneira, os efeitos da ansiedade são generalizados para outras situações diferentes daquela em que houve o emparelhamento original. Neste caso, a resposta de ansiedade acaba tornando-se muito

mais resistente à extinção.

Estas análises são semelhantes às de Skinner (1965) e de Estes e Skinner (1961) que vêem a ansiedade enquanto uma resposta do organismo resultante de uma contingência aversiva. A resposta de ansiedade (emocional), porém, é inferida pela alteração no responder operante, ou seja, pela supressão condicionada. Nos dois casos, a ansiedade parece ser tida enquanto uma resposta fisiológica do organismo, inferida a partir do efeito da contingência aversiva no comportamento operante público.

Para Fester, Culbertson e Perrot Boren (1977), a ansiedade seria um estado do organismo indicado pelas mudanças de comportamento produzidas por estímulos aversivos ou pré-aversivos. Segundo ele, essas mudanças podem ocorrer tanto no sentido de uma diminuição do responder operante na presença do estímulo pré-aversivo, quanto no aumento da frequência de respostas de fuga/ esquivas, ou seja, daquelas respostas que diminuem ou cessam a apresentação da estimulação aversiva.

Essa análise parece semelhante à de Skinner (1989) ao definir a ansiedade enquanto um estado do organismo indicado pelas mudanças no comportamento operante. Acrescenta, no entanto, da análise de Skinner (1965), de Estes e Skinner (1961) e Millenson (1967/1975), a possibilidade de o aumento de frequência das respostas que possibilitam o encerramento da estimulação aversiva também indicar uma condição de ansiedade.

Para Lundin (1977), a ansiedade não seria um tipo de fenômeno específico de seres humanos, no sentido de que seu aparecimento nos homens se enquadra nos mesmos princípios do condicionamento desta resposta em animais. No entanto, há a ênfase de que as manifestações em humanos seriam mais complexas. A ansiedade

deveria ser entendida, portanto, como “o grupo de respostas que um organismo emite sob certas operações de estímulo” (p. 329).

No caso específico de seres humanos, Lundin (1977) salienta que o comportamento ansioso envolveria relações respondentes (funcionamento fisiológico) e operantes (ações manifestas). Além disso, essas mudanças fisiológicas podem funcionar como estímulos para respostas verbais descritivas de ansiedade. Entretanto, essas descrições não podem ser explicativas do fenômeno por serem, freqüentemente, de natureza metafórica e também pela dificuldade de ser aferida sua correspondência com a resposta fisiológica.

Esta análise de Lundin (1977), apesar de acrescentar as descrições verbais de ansiedade como importantes para a definição do problema, restringe como objeto de estudo apenas os indicativos comportamentais, afirmando que as descrições verbais são de difícil análise. No entanto, ela apresenta-se como uma análise diferenciada das análises de Estes e Skinner (1961), Fester, Culbertson e Perrot Boren (1977), Millenson (1967/1975), Skinner (1965) e Skinner (1989) ao integrar como importantes para a definição do fenômeno, os componentes respondentes (alterações fisiológicas) e operantes. A condição de ansiedade parece ser formulada como uma resposta fisiológica, eliciada pelo estímulo pré-aversivo e que pode adquirir função de estímulo para uma resposta auto-descritiva. Sendo assim, na análise de Lundin (1977), a ansiedade não é entendida enquanto um estado ou uma resposta qualquer do organismo indicada pelas mudanças no comportamento operante, mas sim enquanto um fenômeno que envolve tanto essas respostas fisiológicas (reflexas) quanto as mudanças comportamentais operantes, ou seja, a ansiedade é vista como um fenômeno que tem

como componentes esses dois tipos de relações.

Além disso, Lundin (1977) considera também que as explicações de ansiedade enquanto um padrão de resposta diante de determinados estímulos seria referente a uma resposta normal de ansiedade. A análise das reações de ansiedade consideradas patológicas deveria ser feita levando-se em consideração um certo exagero e generalização do condicionamento inicial, o que amplia a perspectiva desenvolvida por Millenson (1967/1975) anteriormente apresentada. Portanto, a ansiedade que foi desenvolvida através do condicionamento respondente se intensifica com o passar do tempo e generaliza-se para outros estímulos. Neste caso, ficaria cada vez mais difícil identificar os estímulos iniciais geradores de ansiedade, visto que haveria diversos condicionamentos e generalizações entre os estímulos, tornando cada vez mais difícil a identificação dos estímulos condicionados originais e os que estão especificamente gerando o responder ansioso (Lundin, 1977).

Para Kanfer e Phillips (1974), no caso de patologias que envolvem ansiedade, o condicionamento até aqui descrito não pode ser entendido como uma explicação única, pois as relações não verbais analisadas são apenas uma parte do fenômeno comportamental. Segundo estes autores, “muitos operantes, comportamentos verbais mediadores e experiências fisiológicas complexas são componentes do ato patológico” (p. 159). Neste sentido, a linguagem é apontada como uma possível fonte de controle de respostas de ansiedade.

Além disso, o componente verbal teria importância especial para terapeutas, na medida em que constitui o componente abordado diretamente pelo terapeuta. Como salientam Kanfer e Phillips (1974),

A contribuição do comportamento verbal de uma pessoa para o controle de qualquer resposta de ansiedade é especialmente crucial para os terapeutas de comportamento, já que muitas técnicas são baseadas quase que inteiramente na manipulação das respostas verbais que supostamente afetam outros comportamentos. O senso comum considera que uma pessoa não pode parar de ser ansiosa tão-somente por dizer a si própria que não seja ansiosa. Ainda assim, tanto a designação do estado de alguém como sendo ativação emocional, quanto as conseqüências comportamentais de ter rotulado tal ativação de uma determinada forma podem ter alguma relação com o comportamento não-adaptativo de uma pessoa (pp. 172-173).

A análise de Kanfer e Phillips (1974) vai além das que foram apresentadas por Estes e Skinner (1961), Fester, Culbertson e Perrot Boren (1977), Millenson (1967/1975), Skinner (1965), Skinner (1989) e também da análise de Lundin (1977), visto que inclui componentes fisiológicos (respondentes), operantes não verbais e operantes verbais como importantes para a definição do fenômeno.

Outros autores têm, da mesma forma, se preocupado com o papel da linguagem no comportamento humano analisando-a de uma perspectiva “contextualista”, e propondo, inclusive, uma substituição do termo “Behaviorismo Radical” por “Behaviorismo Contextualista”. Os principais representantes são Hayes e seus colaboradores.

Hayes e Hayes (1992a) sugerem o abandono da expressão behaviorismo radical em favor de “behaviorismo contextualista”, sob a alegação de que o primeiro pode implicar tanto uma perspectiva mecanicista como contextualista. As restrições dirigidas ao behaviorismo radical são

justificadas com base em supostas inconsistências e contradições presentes na obra de Skinner e na prática de alguns analistas do comportamento contemporâneos (Cavalcante, 1999, p. 18).

Supondo a ocorrência de ansiedade como produto de relações indiretas, Hayes e seus colaboradores enfatizam a possibilidade de relatos auto-descritivos de ansiedade assumirem um status de controle sobre as próprias respostas de ansiedade.

Neste sentido, Friman, Hayes e Wilson (1998) questionam as explicações de Skinner sobre a ansiedade afirmando que o mesmo baseou-se unicamente em uma análise de contingências diretas. Para estes autores, uma explicação considerando apenas contingências diretas é válida, mas insuficiente para explicar o fenômeno porque outras análises podem ser requeridas na medida em que o ser humano pode apresentar respostas verbais que podem participar de relações derivadas. Ou seja, “quando as respostas de ansiedade não podem ser traçadas a contingências diretas e o organismo tende ao responder relacional derivado (p.ex., pessoas falantes), análises adicionais são requeridas” (Friman e cols., 1998, p. 143).

Segundo Friman e cols. (1998), o relato do indivíduo, graças ao que eles chamam de bidirecionalidade, poderia ser capaz de controlar respostas de ansiedade, na medida em que pode afetar igualmente a pessoa que fala. Desta forma, “a literatura demonstrando a bidirecionalidade da linguagem também sugere que falar afeta o falante, e, portanto, os relatos em primeira pessoa são importantes no entendimento do comportamento humano complexo” (p. 708). Isto ocorre porque os relatos não têm apenas a função de comunicar o que a pessoa está sentindo, mas podem também alterar a função do comportamento. Desta forma, a função do relato vai além da comunicação

de um sentimento, visto que também podem controlar a emissão da ansiedade.

Uma fonte de controle indireto de respostas de ansiedade se dá pela equivalência entre estímulos verbais e não verbais. Friman e cols. (1998) mencionam como exemplo um garoto com fobia a insetos para quem, por equivalência, a palavra “inseto” adquiriu as mesmas funções do inseto real. Segundo os autores,

O garoto não entraria em um quarto se meramente lhe fosse dito que um inseto estava presente ali dentro. Colegas de classe poderiam instigar comportamento disruptivo extremo no garoto apenas por dizer que eles tinham visto um inseto (assim a palavra inseto e o inseto real pareceram estar numa classe de equivalência e ter funções similares) (p. 151).

Skinner (1957) já apontava a possibilidade de um estímulo verbal, quando associado a um estímulo incondicionado que elicia respostas emocionais, tornar-se um estímulo condicionado, sendo também capaz de eliciar estas respostas. Ele afirma que

se um estímulo verbal costuma acompanhar alguma situação, que é o estímulo não condicionado ou previamente condicionado para uma reação emocional, o estímulo verbal eventualmente evoca essa reação. Assim, se alguém tem medo de cobra e se o estímulo verbal *cobra* acompanhou algumas vezes cobras de verdade, o estímulo verbal, sozinho, pode evocar uma reação emocional (p.154-155).

Forsyth e Eifert (1996) chamam este fenômeno de condicionamento semântico. Neste caso, o estímulo antes neutro que é associado com o estímulo incondicionado, tornando-se posteriormente o estímulo condicionado, é alguma palavra. Para eles, “um estímulo palavra, pareado com um estímulo incondicionado (SI) que elicia uma resposta

emocional, também virá a eliciar a resposta emocional” (p. 614). Sendo assim, o condicionamento semântico seria o processo pelo qual algumas palavras adquirem função de controle sobre respostas emocionais.

Os exemplos oferecidos por Skinner (1957) e Forsyth e Eifert (1996) sugerem que um estímulo verbal (Skinner, 1957), ou uma palavra (Forsyth & Eifert, 1996), pode vir a adquirir uma função eliciadora de respostas não verbais (emocionais), constituindo uma relação respondente. Nesses casos, embora um estímulo verbal seja constitutivo da relação, não se trata propriamente de uma relação verbal, posto que esta sempre se define, entre outros, por uma mediação por um ouvinte, o que não é caso nas relações respondentes exemplificadas por Skinner (1957) e Forsyth e Eifert (1996). Assim, ao longo do presente estudo, ao referir relações respondentes que podem ser constitutivas da ansiedade, será considerado que se trata sempre de relações não verbais.

É importante frisar também, que as análises de Skinner (1957) e Forsyth e Eifert (1996) enfatizam as relações ocorridas de forma direta entre estímulos verbais e não verbais, enquanto que Friman, Hayes e Wilson (1998) consideram a possibilidade de que estímulos verbais e não verbais adquiram as mesmas funções através de relações indiretas entre estes estímulos, geralmente envolvendo a linguagem. Nesses casos, o controle da resposta de ansiedade por um estímulo verbal teria sempre dimensões operantes.

Com as análises descritas pode-se perceber que as variações existentes na definição de ansiedade têm como ponto principal os tipos de relações (diretas ou indiretas) envolvidas e além disso, a referência aos diferentes papéis dos componentes respondentes, operantes não verbais e operantes verbais na definição da ansiedade.

Uma outra perspectiva que deve ser analisada neste momento, diz respeito ao conceito de ansiedade no contexto da intervenção clínica analítico-comportamental. Na literatura da Análise do Comportamento relacionada a intervenções clínicas encontram-se também diferentes enfoques nas definições de ansiedade. A referência a essa literatura é relevante porque o tema da ansiedade é muito freqüente na clínica psicológica, o que demanda uma conceituação sobre o fenômeno que sirva de base para as intervenções nessa área. Além do mais, a literatura da terapia analítico-comportamental revela uma atenção crescente ao assunto.

Um primeiro ponto a ser analisado refere-se à importância dada nesta literatura aos aspectos fisiológicos relacionados com a ansiedade. Santos (2000), por exemplo, salienta que

as manifestações objetivas da ansiedade são inespecíficas e comumente estão associadas a diversos estados emocionais, tais como, medo, expectativa, ira, entre outros. Essas manifestações são as reações físicas sentidas pelas pessoas, dentre algumas podemos citar: sudorese, taquicardia, tremores, calafrios etc (p. 189).

Esses aspectos fisiológicos também são apontados por Alencar (1977) que considera que “ao viver uma situação geradora de ansiedade, o organismo tende a apresentar uma série de mudanças fisiológicas, como tensão muscular, batimento cardíaco acelerado ou sudorese nas palmas das mãos” (p. 190).

Barlow, Rapee e Brown (1992), ao discutirem o tratamento comportamental de ansiedade generalizada consideram como sintoma-chave do transtorno a existência de uma “preocupação crônica e amplamente difundida” (p 551). Além disso, para estes

autores, deve-se considerar também os sintomas somáticos existentes no transtorno.

Nas análises destes autores o que parece comum é a consideração de que as alterações fisiológicas são importantes para a conceituação do fenômeno, no entanto, elas não devem ser entendidas como definidoras da ansiedade.

Neste sentido, outros aspectos devem ser levados em conta em uma definição de ansiedade. De acordo com Hopko, McNeil, Zvolensky e Eifert (2001), a ansiedade deveria ser conceituada levando-se em consideração tanto aspectos fisiológicos quanto déficits comportamentais. Para eles, o indivíduo ansioso “se torna mais vulnerável ao tipo, intensidade e número de estímulos que eliciam uma resposta emocional negativa” (p. 196). Esses estímulos tanto podem ser verbais quanto não verbais. Neste caso, nem é preciso o contato direto com o estímulo ansiogênico não verbal original para que o indivíduo se engaje em comportamento de evitação, dada a possibilidade de generalizações entre os estímulos. Sendo assim, há uma ênfase tanto nos aspectos respondentes quanto operantes na definição de ansiedade e além disso, a possibilidade de estímulos verbais estarem presentes nessas relações.

Para Queiroz e Guilhardi (2001), a ansiedade é conceituada como “um estado corporal produzido por contingências de reforçamento específicas: um estímulo sinaliza a apresentação de um estímulo aversivo e não há comportamento de fuga-esquiva possível” (p. 257).

Ainda segundo estes autores, para entender o paradigma de ansiedade, é necessário atentar para alguns componentes básicos e para as conseqüências. Esses componentes seriam: “1) identificação de um estímulo sinalizador com função pré-aversiva; 2) impossibilidade de emitir qualquer comportamento que impeça o

aparecimento do estímulo com função aversiva; 3) apresentação inevitável do estímulo com função aversiva” (p. 264). Essa situação teria como conseqüências: “1) alterações no seu estado corporal, detectados como desagradáveis (usualmente chamados de ansiedade); 2) supressão do comportamento operante vigente” (Queiroz e Guilhardi, 2001, p. 264).

Neste paradigma, tem-se a conceituação da ansiedade em acordo com as definições de Estes e Skinner (1961), Fester, Culbertson e Perrot Boren (1977), Millenson (1967/1975), Skinner (1965) e Skinner (1989), ou seja, como estado corporal, conseqüência de contingências envolvendo estímulos pré-aversivos e aversivos. Contudo, este paradigma acrescenta que é importante considerar a impossibilidade da emissão de comportamentos de fuga/esquiva da estimulação aversiva como um dos componentes da definição de ansiedade. Neste caso, a incontrolabilidade sobre a apresentação do estímulo aversivo seria uma condição importante na definição de ansiedade

Levando em consideração essa definição, algumas das intervenções para tratamento de transtornos de ansiedade na Análise do Comportamento propõem ações para que as respostas fisiológicas características de ansiedade diminuam de freqüência e/ou intensidade através da exposição (que pode ser gradual ou não) ao evento aversivo. Neste sentido, são utilizadas as técnicas de Dessensibilização Sistemática¹,

¹ Há uma discussão na literatura Analítico-Comportamental quanto ao mecanismo responsável pela eficácia da dessensibilização sistemática. Segundo Turner (1996), “o mecanismo específico que subjaz ao contra-condicionamento é a inibição recíproca. A ansiedade se inibe por meio de uma resposta contrária. Uma resposta contrária eficaz tem que estar associada a um aumento na preponderância da atividade do sistema nervoso parassimpático” (p. 170). Entretanto, outros autores afirmam que o que acontece é apenas uma habituação. Como afirma Zamignani (2004), “alguns autores sugerem que a diminuição de ansiedade obtida por meio da Dessensibilização se deve apenas à exposição ao estímulo eliciador, levando à habituação, o que coloca em dúvida o princípio de inibição recíproca como responsável pela mudança comportamental” (p. 175).

Inundação², técnicas de relaxamento, como por exemplo, o Relaxamento Progressivo, e, além disso, intervenções que focalizam os déficits comportamentais existentes, como o Treinamento de Assertividade e de Habilidades Sociais. Como afirma Simão (2000), estas técnicas têm como objetivo a utilização de alguns princípios como a “habituação da ansiedade pela exposição às situações temidas (ao vivo ou em imaginação), redução do comportamento patológico, prevenção de respostas, treino de relaxamento, desenvolvimento de habilidades sociais não aprendidas, promovendo assim um padrão de comportamento mais adaptado e saudável” (pp. 249-250).

Além disso, alguns autores (e.g. Santos, 2000; Madi, 2004), também apontam a necessidade de investigação da história de vida do cliente a fim de identificar que tipos de variáveis têm controle sobre o comportamento ansioso. Dessa forma, as intervenções focalizariam as contingências ambientais que controlam o comportamento ansioso. Portanto, em contexto de intervenção clínica, para compreender a ansiedade faz-se necessário investigar a história passada do cliente, visto que alguns sentimentos, dentre eles a ansiedade, podem indicar a convivência atual e/ou passada com contingências aversivas (Madi, 2004).

Referindo-se à intervenção terapêutica de uma maneira geral, Guilhardi (2004) ressalta que a intervenção não deve ser apenas focal, na medida em que podem existir déficits anteriores que estejam estritamente relacionados com a queixa do cliente. Sendo assim, “o terapeuta, antes de propor qualquer ação terapêutica, deve ficar sob controle dos *excessos*, dos déficits e das reservas comportamentais do cliente, não sob controle exclusivo da queixa” (p. 4).

² A Inundação é uma técnica utilizada no tratamento de alguns transtornos de ansiedade de acordo com a qual o indivíduo é exposto de forma não gradual ao estímulo ansiogênico.

Segundo Friman, Wilson e Hayes (1998), “o termo *ansiedade* não é um termo técnico; é impreciso, metafórico e idiomático. Mas há uma ampla classe de fenômenos importantes ocasionando o termo que requer explicação” (p. 708). Compreender esses fenômenos de modo mais preciso, pode não apenas representar um tratamento conceitual mais consistente, como também contribuir para o planejamento da intervenção clínica eficaz.

Diante do exposto, pode-se concluir que o que há de comum em praticamente todas as análises é a definição de ansiedade enquanto produto de contingências aversivas. No entanto, há divergências quanto aos tipos de relações envolvidas, que podem ser diretas ou indiretas; à questão da incontrollabilidade do indivíduo sobre a apresentação do estímulo aversivo enquanto importante na definição de ansiedade; aos tipos de componentes envolvidos, que podem ser respondentes, operantes não verbais e para alguns autores há também a especificação de componentes operantes verbais.

No que se refere às intervenções, elas são propostas principalmente enfocando as contingências ambientais, com o intuito de diminuir as respostas fisiológicas características de ansiedade. Neste caso, são intervenções que enfatizam principalmente as relações respondentes e/ou operantes não verbais envolvidas na definição do fenômeno.

Diante dessa diversidade de fatores envolvidos na definição de ansiedade, este trabalho pretende analisar mais detalhadamente os tipos de relações comportamentais que estão sendo sugeridas nos diferentes usos do conceito de ansiedade na Análise do Comportamento e, além disso, a eventual (in) compatibilidade entre as definições ou abordagens oferecidas.

MÉTODO

Um trabalho conceitual tem como objetivo primordial esclarecer e analisar quais os usos de um determinado conceito num dado universo literário, bem como discutir controvérsias existentes e possíveis relações entre os usos. No presente trabalho, foram feitas análises dos vários usos do conceito de ansiedade na literatura da Análise do Comportamento, visto que foram identificadas previamente algumas divergências nesses usos. Para o cumprimento desse objetivo foram delineadas três etapas: 1) levantamento bibliográfico visando a obtenção de possíveis fontes de informação; 2) organização do material encontrado mediante sistematização das informações em categorias de registro e 3) análise das transcrições baseadas nas categorias de registro e delimitação de categorias de análise.

1. Levantamento bibliográfico visando a obtenção de possíveis fontes de informação.

Nesta etapa de buscas foi realizado um levantamento de artigos da Análise do Comportamento referentes à ansiedade. Para tanto, a ferramenta utilizada foi a busca pela internet quando isso era possível, ou, então, diretamente nos volumes dos periódicos quando a busca pela internet não era disponibilizada. Foi utilizado o termo *anxiety* como palavra-chave. Entretanto, quando os resultados dessa busca mostravam-se muito abrangentes, uma outra busca era realizada com as seguintes combinações: *anxiety and behavior analysis* e *anxiety and behaviorism*. As buscas visavam ocorrências da(s) palavra(s)-chave no título e/ou resumo dos textos.

Para selecionar os artigos que seriam objetos de análise, alguns critérios de exclusão foram necessários a fim de delimitar um recorte para a presente pesquisa. Foram eles: artigos repetidos³; resenha ou editorial; artigos publicados originalmente em uma língua diferente do inglês, espanhol ou português; dissertações ou teses publicadas fora do Brasil; livros em análise do comportamento sem menção à ansiedade⁴; artigos que focalizam principalmente o contexto em que a ansiedade ocorre (e.g., ansiedade de separação, ansiedade de desempenho, ansiedade hipocondríaca etc); livros ou artigos sobre ansiedade em outras áreas de conhecimento como biologia, fisiologia, neurofisiologia etc⁴; textos referentes à ansiedade sob a perspectiva de outra abordagem dentro da psicologia⁵ e artigos nos quais a ansiedade é referida como um sintoma secundário associado a algum transtorno (e.g., bulimia, depressão, stress, autismo etc).

Primeiramente foi realizada uma busca nas bases de dados *Web of Science* e *PsycInfo* a partir do portal de periódicos da Capes (www.periodicos.capes.gov.br). Posteriormente, realizou-se uma busca nos sites específicos dos periódicos a fim de confirmar os resultados e/ou verificar a possibilidade de outras ocorrências além das que apareceram nas bases de dados. Nessas bases de dados, as buscas tiveram que ser refinadas de modo a circunscrever o levantamento a textos na área de Análise do Comportamento. Desta forma, foram utilizadas as combinações de palavras conforme indicado anteriormente.

³ Os artigos repetidos referem-se àqueles localizados posteriormente, mas que já haviam aparecido em uma busca anterior.

⁴ Apesar de tentativa de busca combinando as palavras *anxiety* and *behavior analysis* e *anxiety and behaviorism*, alguns sistemas, como o do *PsycInfo*, por exemplo, faziam a busca de textos relacionados a uma ou outra palavra.

⁵ É importante esclarecer que, apesar deste critério de exclusão, alguns artigos dentro da abordagem Cognitivo-comportamental fizeram parte da análise. Estes textos foram selecionados por tratarem de ansiedade trazendo, além de questões de base cognitiva, aspectos relacionados a conceitos da Análise do Comportamento e em alguns momentos contraposição dos dois modelos.

No *Web of Science*, a pesquisa geral é feita por tópico, autor, jornal ou endereço. A presente pesquisa foi realizada por tópico, o que permite a busca de ocorrências em títulos, palavras-chave ou resumos dos artigos com um ou mais termos. Foram localizados 5 e 9 textos com as combinações *anxiety and behavior analysis* e *anxiety and behaviorism*, respectivamente.

No *PsycInfo* é possível a localização de textos a partir do ano de 1872. A busca é realizada por palavra-chave ou combinação de palavras no título e/ou resumo do artigo. Nessa base de dados foram encontrados 72 textos com a combinação *anxiety and behavior analysis* e 57 textos com a combinação *anxiety and behaviorism*.

No que se refere a estas duas bases de dados, a quantidade de artigos encontrados e selecionados, mediante exclusão utilizando os critérios definidos, encontra-se especificada na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 - Resultados da busca nas bases de dados *Web of Science* e *PsycInfo*

Base de dados	Palavra(s)- Chave	Artigos encontrados	Artigos selecionados
<i>Web of Science</i>	<i>anxiety and behavior analysis</i>	05	01
	<i>anxiety and behaviorism</i>	09	03
<i>PsycInfo</i>	<i>anxiety and behavior analysis</i>	72	14
	<i>anxiety and behaviorism</i>	57	0
TOTAL	-	143	18

Os 18 artigos selecionados nas bases de dados, referiam-se aos seguintes periódicos: *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* (4 artigos); *Journal of Applied Behavior Analysis* (5 artigos); *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatric* (3 artigos); *The Psychological Record* (3 artigos); *Behavior Therapy* (1 artigo); *Revista Mexicana de Analisis de la Conduta* (1 artigo) e 1 capítulo de livro.

Após essa primeira etapa, iniciou-se uma busca nos sites específicos dos seguintes periódicos: *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* (JEAB) e *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA) a fim de verificar outras ocorrências complementando os resultados das bases de dados. Nessa busca foram encontrados 5 artigos no JEAB e 16 artigos no JABA. As ocorrências que apareceram no JEAB foram as mesmas das bases de dados. Sendo assim, nenhum artigo novo foi selecionado. Quanto ao JABA, dos 16 artigos, 9 eram repetidos das bases de dados, 5 referiam-se a resenhas ou editoriais e 2 novos artigos foram encontrados e selecionados para compor a análise.

Uma busca específica foi realizada também nos periódicos *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatric e Behavior Research and Therapy*. Essa busca foi feita através do site www.sciencedirect.com. Nesses periódicos, uma busca somente com a palavra-chave *anxiety* mostrou-se improdutiva devido á grande quantidade de material. Sendo assim, foi feita uma busca mais refinada utilizando os termos combinados *anxiety and behavior analysis* e *anxiety and behaviorism*. O sistema de refinamento do site era feito da seguinte maneira: primeiramente devia-se fazer uma busca geral e mais abrangente, usando, por exemplo, a palavra *anxiety* e dentro dos resultados dessa primeira busca havia a possibilidade de uma nova busca utilizando os demais termos, como por exemplo, *behavior analysis*. Os resultados dessa busca estão descritos na Tabela 2 a seguir.

Tabela 2- Resultados da busca em periódicos de psicologia através do site www.sciencedirect.com

Periódico	Palavra(s)- Chave	Artigos encontrados	Artigos selecionados
<i>Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatric</i>	anxiety and behavior analysis	29	01
	anxiety and behaviorism	08	02
<i>Behavior Research and Therapy</i>	anxiety and behavior analysis	21	03
	anxiety and behaviorism	10	04
TOTAL	-	68	10

Alguns periódicos não permitem a busca por palavra-chave. Neste caso, a busca foi realizada verificando o resumo dos volumes disponíveis na internet ou verificando-se cada volume do periódico impresso. Com este perfil estão os seguintes periódicos pesquisados: *Behavior Therapy* e *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*.

Behavior Therapy é um jornal internacional voltado principalmente para questões relacionadas às problemáticas clínicas sob o enfoque da Terapia Cognitiva e Cognitiva-comportamental. Apesar de ser indexada nas bases de dados pesquisadas, o periódico teve apenas um artigo selecionado a partir da busca nessas bases. Portanto optou-se por realizar também uma busca no site específico da revista. Foram verificados, então, os artigos do ano de 1994 até o ano de 2004, para os quais estão disponibilizados os resumos na internet. A busca se deu mediante leitura do título e resumo dos artigos encontrados em cada volume. O site também não permite o acesso ao artigo completo. Sendo assim, a reprodução dos artigos selecionados foi feita diretamente na biblioteca de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Uma

primeira leitura do título dos artigos resultou numa seleção prévia de 37 artigos. Após essa seleção, foi realizada uma segunda leitura do resumo de cada artigo. Após essa leitura foram excluídos 29 artigos de acordo com os critérios definidos e 7 foram selecionados para fazer parte da análise.

A *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva* é um periódico nacional que circula desde 1999, com periodicidade semestral. A busca foi realizada tomando-se as revistas de 1999 até a revista nº 1 do ano de 2005. Como resultado, foram encontrados 7 artigos sobre ansiedade, sendo que 4 deles foram excluídos conforme os critérios adotados. Sendo assim, foram selecionados pra compor a análise 3 artigos da referida revista.

A distribuição dos artigos selecionados para análise por periódico é apresentada na Tabela 3.

Tabela 3: Distribuição de artigos selecionados por periódico.

Periódico	Artigos selecionados
<i>JEAB</i>	04
<i>JABA</i>	07
<i>Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatric</i>	06
<i>Behavior Research and Therapy</i>	07
<i>The Psychological Record</i>	03
<i>Revista Mexicana de Analisis de La Conducta</i>	01
<i>Behavior Therapy</i>	08
<i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i>	03
TOTAL	39

Além destes 39 artigos selecionados nos periódicos descritos acima, também fizeram parte da análise um capítulo do livro *Clinical Behavior Analysis*, selecionado na

base de dados PsycInfo e outros 7 capítulos de livros que foram identificados e selecionados a partir de um contato prévio com a literatura sobre o tema. Assim, o número final de textos para análise totalizou 47.

2. Organização do material encontrado mediante sistematização das informações em categorias de registro.

Após a localização das fontes de informações, realizou-se uma leitura e fichamento de cada texto, cujas informações foram sistematizadas com base em categorias de registro. Essas categorias foram definidas em termos da referência, na discussão de ansiedade, aos seguintes aspectos: a) componentes respondentes; b) componentes operantes não verbais; c) componentes operantes verbais e d) perspectivas de intervenção⁶. Para tanto, foram transcritos trechos das obras consultadas que fizeram referência a cada uma das categorias descritas.

3. Análise das transcrições baseadas nas categorias de registro e delimitação de categorias de análise.

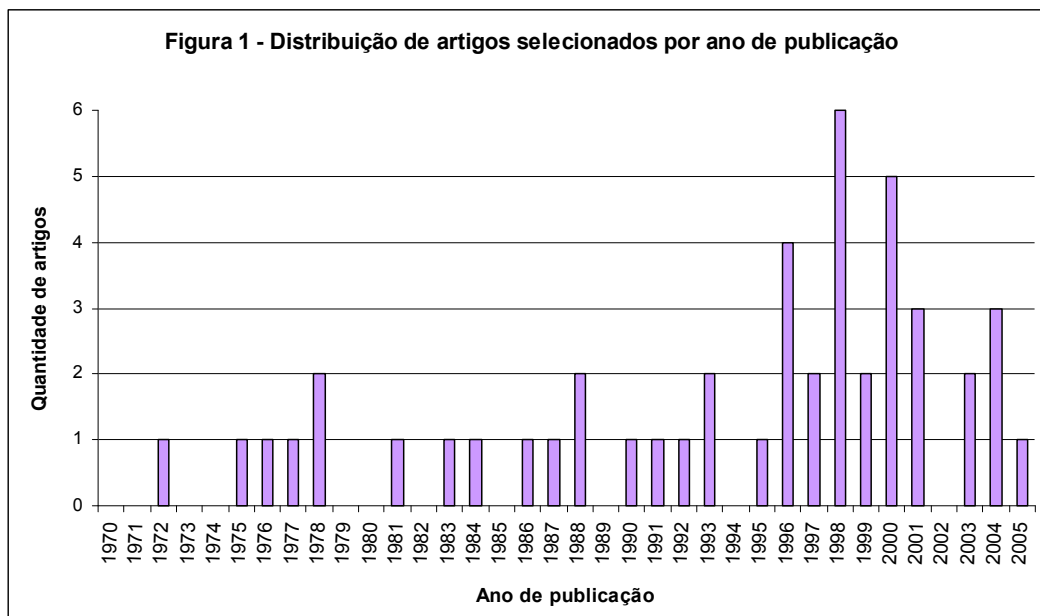
A definição das categorias de análise foi realizada após o cumprimento da etapa 2 do procedimento descrito. Como resultado, foram definidas as seguintes categorias analíticas : a) Ansiedade e mudanças fisiológicas; b) Ansiedade como relações operantes não verbais X relações operantes verbais X relações operantes verbais e não verbais; c) Relações operantes verbais X operações estabelecedoras; d) Implicações para a Terapia Verbal.

⁶ Durante a fase de categorização dos textos também foram testadas as categorias: variáveis históricas e variáveis de controle. Entretanto, essas categorias se mostraram inapropriadas, na medida em que foi identificada uma superposição com as demais categorias. Portanto, resolveu-se excluí-las da análise.

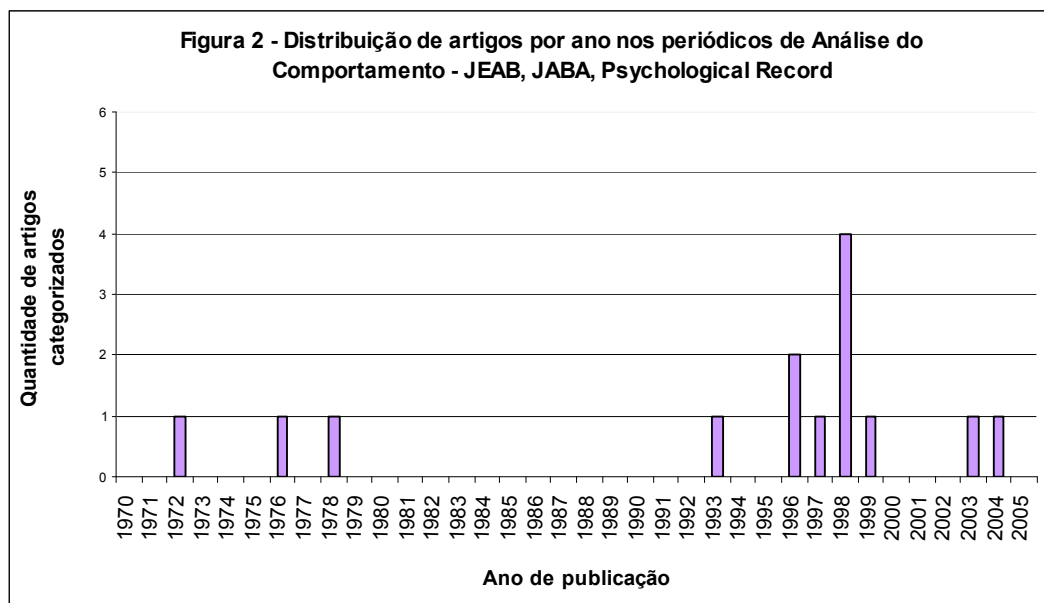
RESULTADOS

Os resultados aqui descritos referem-se à categorização dos quarenta e sete textos selecionados para compor a análise. Na Tabela 1 (Anexo 1), encontra-se a lista de artigos categorizados, organizada em ordem cronológica de publicação com o número de registro e a referência de cada artigo. O primeiro artigo analisado foi publicado em 1972 e o último em 2005.

A distribuição dos artigos sobre ansiedade por ano de publicação é apresentada na Figura 1, a seguir. Observa-se que até o ano de 1995 a frequência de textos alcança no máximo dois artigos por ano (média de 0,73 artigo por ano, de 1970 a 1995). De 1996 a 2001, encontra-se um maior número de publicações (média de 3,14 artigos por ano, com a frequência máxima de 6 textos em 1998). A partir de 2002, a frequência de trabalhos sobre o assunto volta a reduzir (média de 1,5 artigo por ano, de 2002 a 2005).

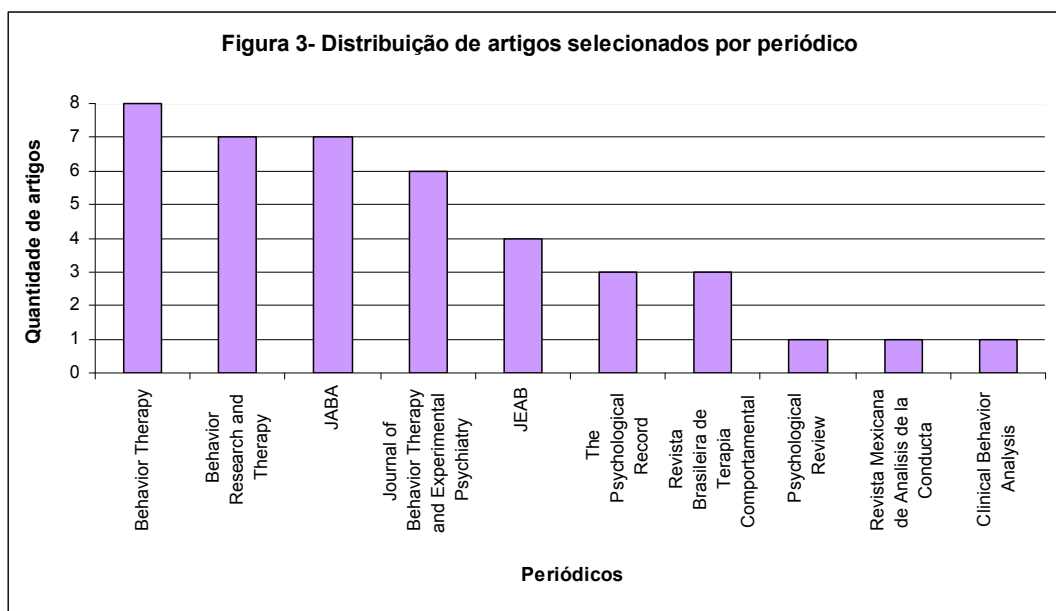


O levantamento realizado pretendeu localizar artigos sob o enfoque da Análise do Comportamento, porém a busca incluiu alguns periódicos que publicam também artigos da área cognitivo-comportamental, assim como periódicos generalistas em Psicologia. Portanto, os dados apresentados na Figura 1 incluem artigos sobre ansiedade encontrados em periódicos não necessariamente próprios da área. A fim de produzir uma medida das publicações em periódicos específicos da Análise do Comportamento, foram analisados em separado os dados de publicações no *JEAB*, *JABA* e *Psychological Record*⁷. A Figura 2, adiante, sintetiza os dados relativos a esses periódicos. Fica evidente uma baixíssima freqüência de artigos no período de 1970 a 1995 (quatro artigos em 26 anos, média de 0,15 artigo por ano) e uma maior freqüência nos anos de 1996 (dois artigos) e 1998 (quatro artigos), o que explica parcialmente o incremento geral das publicações sobre ansiedade no conjunto de textos analisados no período de 1996 a 2001.



⁷ O periódico *The Behavior Analyst*, apesar de ser específico da Análise do Comportamento não foi incluído na tabela porque nos resultados das buscas não foi selecionado nenhum artigo deste periódico.

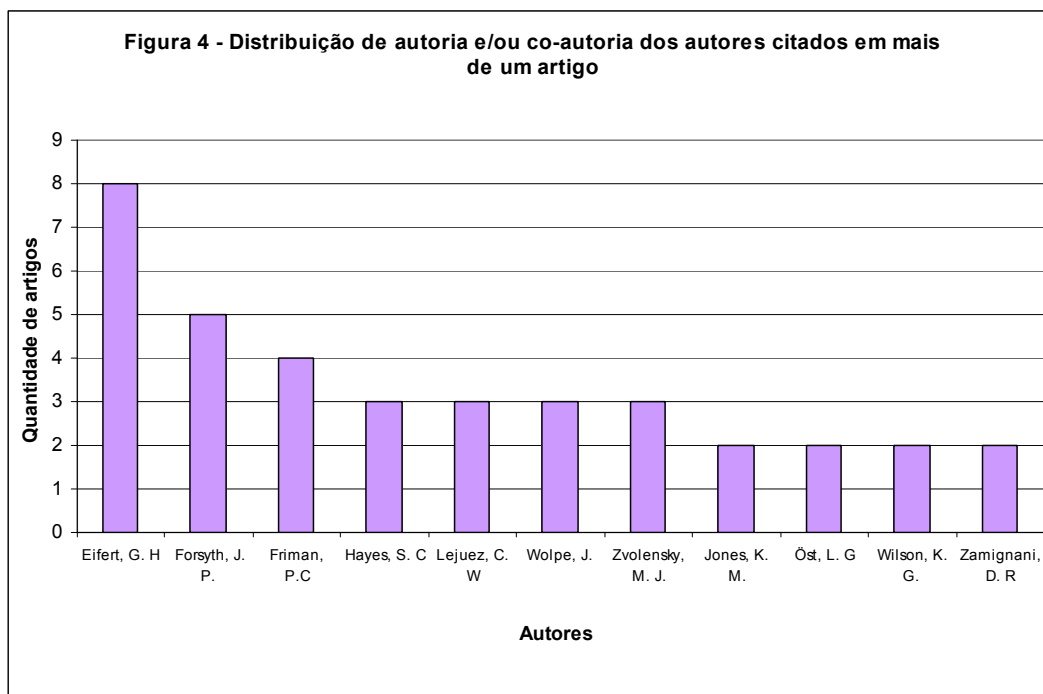
A Figura 3 apresenta a distribuição de artigos por periódico pesquisado⁸. Os dados evidenciam que há maior número de publicações sobre ansiedade nos periódicos (internacionais) voltados para as intervenções clínicas (*Behavior Therapy*, *Behavior Research and Therapy* e *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry* – média de 7,3 artigos por periódico), que concentram 22 dos 47 trabalhos analisados. Da *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, que começou a circular em 1999, foram analisados três artigos. Dentre os outros seis periódicos pesquisados, apenas no *JABA* se encontra um número mais expressivo de publicações (7 artigos); nos demais o número de artigos variou entre 1 e 4.



Os dados sobre autoria dos textos são apresentados na Figura 4, a seguir. Em 35 anos de publicações pesquisadas, apenas onze pesquisadores foram autores ou co-autores de mais de um artigo sobre ansiedade (outros 75 pesquisadores, não incluídos na

⁸ Os periódicos *American Psychologist*, e *Clinical Psychological Review* apesar de terem feito parte dos periódicos nos quais foi feita uma busca, não aparecem nesta figura porque não foi selecionado nenhum artigo destes periódicos para ser analisado.

Figura 4, tiveram apenas uma autoria ou co-autoria). No Anexo 02 estão descritos os nomes de todos os 86 pesquisadores. Dentre os onze autores que mais publicaram sobre o tema, G. H. Eifert foi o autor do maior número de trabalhos (oito). A fim de obter uma medida da inserção dos onze pesquisadores que mais publicaram na comunidade de analistas do comportamento, procedeu-se a uma consulta no cadastro de membros da *Association for Behavior Analysis (ABA)*. Apenas quatro daqueles onze pesquisadores (P. C. Friman, G. H. Eifert, S. C. Hayes e K. G. Wilson) aparecem como membros da *ABA*.



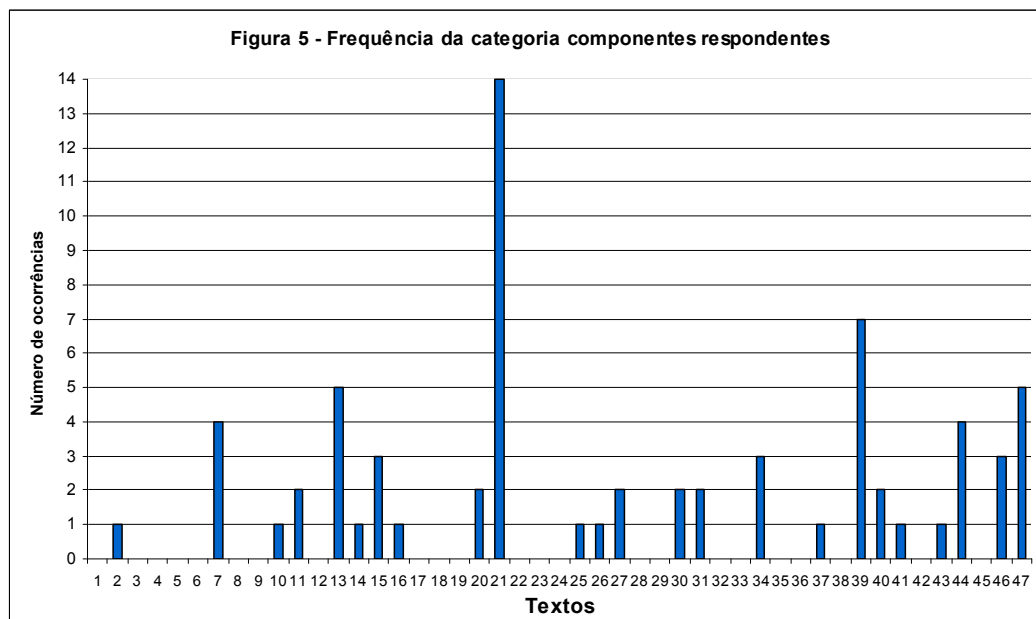
É importante esclarecer que nove dos quarenta e sete textos analisados apesar de serem embasados na Terapia Cognitiva foram selecionados e fizeram parte da presente análise. São eles: textos 4, 7, 10, 13, 16, 18, 19, 36 e 39. Isso se deveu ao fato de que estes textos, embora discutam questões como cognições errôneas, pensamentos

catastróficos e técnicas como a reestruturação cognitiva, trazem também discussões baseadas em construtos da Análise do Comportamento, como por exemplo: condicionamento respondente e técnicas de exposição ao estímulo ansiogênico como a dessensibilização sistemática, por exemplo. Além disso, alguns deles fazem uma contraposição entre os dois tipos de interpretação e intervenção para o fenômeno da ansiedade. Sendo assim, fez-se a opção por mantê-los como parte da análise, entendendo que poderiam trazer à tona informações importantes para a discussão da ansiedade e sua conceituação dentro da Análise do Comportamento.

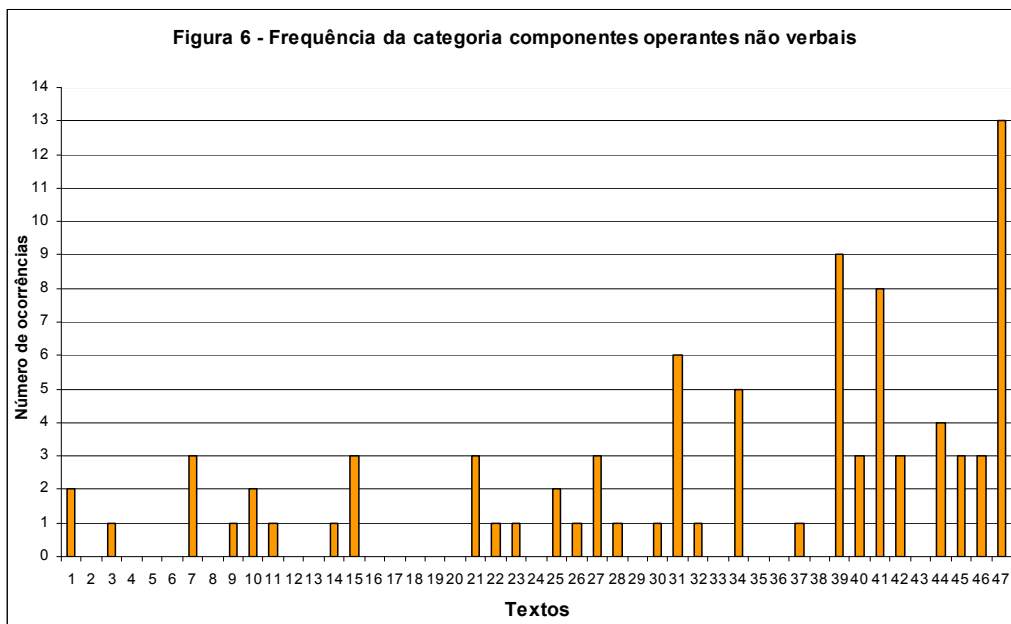
Os textos selecionados foram categorizados com base em quatro categorias de registro: a) componentes respondentes; b) componentes operantes não verbais; c) componentes operantes verbais e d) perspectivas de intervenção. Para a realização da categorização, durante a leitura de cada texto, eram transcritos trechos que poderiam relacionar-se de alguma maneira com alguma das categorias definidas. Construiu-se, assim, uma lista de ocorrências de cada categoria por texto. Em seguida, os trechos selecionados foram agrupados por categoria. Cada trecho transcrito foi considerado uma ocorrência da categoria correspondente. No Anexo 03, apresenta-se uma síntese das ocorrências de categorias por texto, resumindo o que cada texto veiculava acerca de cada tema.

Na Figura 5, adiante, são apresentados os dados referentes à frequência nos textos examinados da Categoria 1 (Componentes Respondentes). Vinte e quatro dos quarenta e sete textos fizeram referência a componentes respondentes, havendo uma frequência muito mais alta de trechos sobre o assunto apenas no texto 21 (quatorze ocorrências). Entre os demais textos que fazem referência a essa categoria, a média de

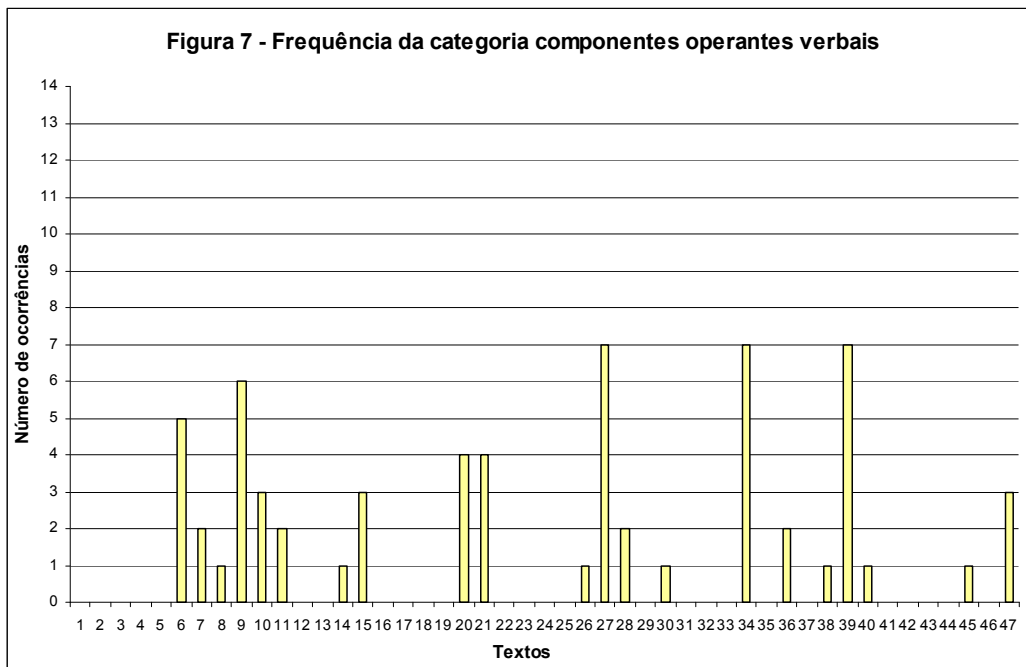
trechos transcritos é de 2,08 trechos por trabalho. Dentre as vinte e três publicações que não fazem referência a componentes respondentes, não há concentração em nenhum período cronológico específico. Como a Figura 5 evidencia, há artigos nessa condição ao longo de todo período analisado.



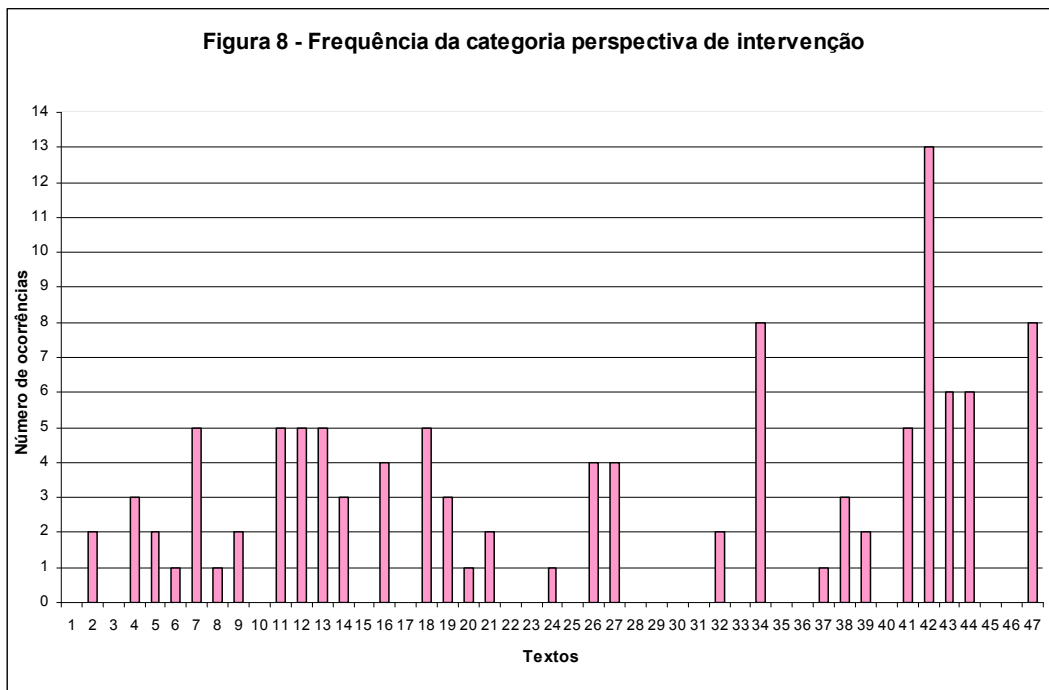
Na Figura 6, são apresentados os dados referentes à frequência, nos textos examinados, da Categoria 2 (Componentes Operantes Não Verbais). Vinte e oito dos quarenta e sete textos fizeram referência a estes componentes na definição de ansiedade, havendo uma frequência muito mais alta de trechos sobre o assunto nos textos 47 (treze ocorrências) e 39 (nove ocorrências). A média de trechos transcritos entre os demais textos que fazem referência a essa categoria é de 2,5 trechos por trabalho. Dentre as dezenove publicações que não fazem referência a componentes operantes não verbais, não há concentração em nenhum período cronológico específico. Como se pode observar, há artigos nessa condição ao longo de todo período analisado.



Na Figura correspondente ao número de ocorrências da categoria componentes operantes verbais (Figura 07), observa-se que em vinte e um artigos dos quarenta e sete analisados estes componentes foram mencionados na abordagem do fenômeno da ansiedade. A frequência mais alta de trechos foi encontrada nos textos 27, 34 e 39 (sete ocorrências). A média de trechos transcritos entre os demais textos que fazem referência a essa categoria, é de 2,17 trechos por trabalho. Vinte e seis publicações, distribuídas ao longo de todo período analisado, não fazem referência a componentes operantes verbais na definição de ansiedade.

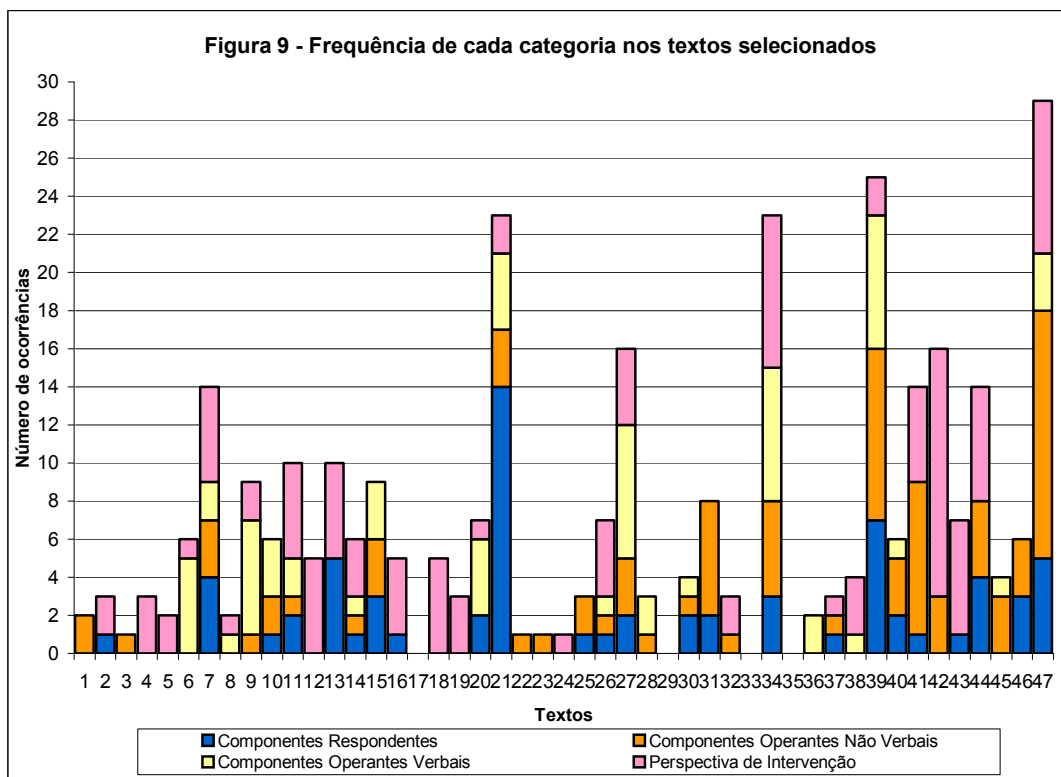


Na Figura 8 são apresentados os dados referentes à frequência, nos textos examinados, da Categoria 4 (Perspectivas de Intervenção). Dos quarenta e sete textos analisados, vinte e nove fizeram referência a esta categoria, havendo uma frequência muito mais alta de trechos sobre o assunto no texto 42 (treze ocorrências). Entre os demais textos que mencionam esta categoria, a média de trechos transcritos é de 3,69 trechos por trabalho. Dezoito publicações não fazem referência a esta categoria. Esta situação não se concentra em nenhum período cronológico específico. Conforme a figura demonstra há artigos nessa condição ao longo de todo período analisado.



Na Figura 9, tem-se a frequência de todas as categorias, nos quarenta e sete textos analisados. Como pode ser observado, nos textos 17, 29, 33 e 35 não foram encontradas passagens que pudessem ser consideradas pertinentes a qualquer das categorias. Nos textos 17 e 33 são descritos os resultados de experimentos objetivando verificar a diferença na formação de classes de equivalência entre sujeitos não ansiosos e sujeitos diagnosticados com ansiedade. Como resultado nota-se que os sujeitos ansiosos têm mais dificuldade em demonstrar equivalência entre estímulos que de alguma forma estão relacionados com sua ansiedade, por exemplo: palavras de ameaça como (falar em público, cobra etc.). O texto 29 é uma crítica ao artigo de Friman, Hayes e Wilson (1998), principalmente no que diz respeito ao papel dos eventos privados em uma ciência do comportamento e ao uso de conceitos vagos para definir emoções. No texto 35 são descritos os resultados de experimentos objetivando verificar os efeitos

ansio gênicos da inalação de CO². Foram observadas as mudanças das respostas autonômicas, subjetivas e psicofisiológicas dos sujeitos mediante a inalação de CO².



Nos quarenta e dois textos em que foram identificadas ocorrências das categorias, a distribuição das mesmas não apresenta uma variação que possa ser relacionada com cronologia, ou uma predominância discrepante de determinada categoria no conjunto das ocorrências. Componentes respondentes (Categoria 1), componentes operantes não verbais (Categoria 2) e perspectivas de intervenção (Categoria 4) estão presentes desde os dois primeiros textos examinados (de 1972 e 1975). A partir do texto 6 (de 1978) encontram-se referências a componentes operantes verbais (Categoria 3).

Alguns textos focalizaram apenas uma das categorias, por exemplo, os textos 1, 3, 22 e 23 assinalaram apenas componentes operantes não verbais (Categoria 2), enquanto no texto 36 aparece citação apenas da categoria referente a componentes operantes verbais (Categoria 3) como importante na definição de ansiedade. Nos textos 4, 5, 12, 18, 19 e 24 encontram-se registros somente da categoria perspectivas de intervenção (Categoria 4).

Para quatorze textos, foram registradas ocorrências de duas categorias na definição de ansiedade. Para os textos 25, 31 e 46 a definição de ansiedade envolve tanto componentes respondentes (Categoria 1), quanto operantes não verbais (Categoria 2). Nos textos 2, 13, 16 e 43 há citações quanto à ansiedade assinalando apenas seus componentes respondentes e os tipos de intervenção que devem ser consideradas. Os componentes operantes não verbais e operantes verbais são citados nos textos 28 e 45. Já para os textos 32 e 42, os componentes operantes não verbais e as perspectivas de intervenção são importantes na conceituação de ansiedade. Analisando também apenas duas das categorias descritas estão os textos 6, 8 e 38, que focalizam os componentes operantes verbais e as perspectivas de intervenção na definição de ansiedade.

Em nove textos encontram-se três categorias na abordagem da ansiedade. Para os textos 10, 15, 30 e 40, são destacados os componentes respondentes, operantes não verbais e operantes verbais na definição do fenômeno. O texto 9 discute a ansiedade em termos de seus componentes operantes não verbais, operantes verbais e das perspectivas de intervenção. Nos textos 37, 41 e 44 são ressaltados os componentes respondentes, operantes não verbais e os tipos de intervenção. No texto 20, a definição de ansiedade faz referência apenas a aspectos relativos aos componentes respondentes, operantes

verbais e às perspectivas de intervenção.

Finalizando, em nove dos quarenta e sete textos analisados, ou seja, nos textos 7, 11, 14, 21, 26, 27, 34, 39 e 47 apareceram ocorrências de todas as quatro categorias descritas.

Como afirmado anteriormente, uma síntese das ocorrências de categorias por texto, resumindo o que cada texto veicula acerca de cada tema é apresentada no Anexo 3. Com base nessa síntese e no exame do conjunto de transcrições, uma análise qualitativa foi realizada e é apresentada a seguir.

Essa análise tomou como referência as seguintes categorias analíticas: a) Ansiedade e mudanças fisiológicas; b) Ansiedade como relações operantes não verbais X relações operantes verbais X relações operantes verbais e não verbais; c) Relações operantes verbais X operações estabelecedoras; d) Implicações para a Terapia Verbal.

a) Ansiedade e mudanças fisiológicas

A imprecisão com que a análise do comportamento tem definido as fronteiras entre seu objeto de estudo e a fisiologia dos organismos encontra-se exemplificada de modo singular na literatura que, sob um enfoque analítico-comportamental, discute a ansiedade. Invariavelmente, definições ou propostas de análise dos fenômenos tidos como instâncias de ansiedade fazem referência ao que se passa com a fisiologia do organismo. O lugar das mudanças fisiológicas em uma concepção analítico-comportamental da ansiedade, todavia, ora passa sem uma discussão, ora conduz a proposições não coincidentes.

A exposição do organismo a estímulos aversivos e pré-aversivos, controláveis ou

incontroláveis, produz uma condição fisiológica particular, concomitante a uma mudança no responder geral do organismo. Alguns textos analisados focalizam especificamente as contingências sob as quais essa condição fisiológica é produzida. É o caso de Forsyth (2000 [34]), Forsyth e Eifert (1996 [20]), Forsyth e Eifert (1996 [21]), Oliveira e Duarte (2004 [46]), Queiroz e Guilhardi (2001 [41]), Reiss, Peterson, Gursky e McNally (1986 [10]) e Wolpe (1981 [07]) que sinalizam principalmente a experiência com estimulação aversiva como a contingência envolvida na produção dessa alteração fisiológica. São textos, porém, que em alguns momentos não explicam se a alteração fisiológica deve ser vista como um subproduto anátomo-fisiológico daquelas contingências, ou se trata de uma alteração, ela mesma, com função em uma relação comportamental.

Algumas vezes, a ênfase na condição fisiológica é tal, que as contingências que a produzem ficam em um segundo plano nas explicações oferecidas, como é o caso das análises de Barlow, Rapee e Brown (1992 [16]) e Zettle (2003 [43]), nas quais a ênfase recai sobre a alteração fisiológica e as intervenções são propostas com o intuito de diminuir frequência, intensidade e duração da mesma, entendendo que, assim, o indivíduo deixaria de sentir-se ansioso. Em outros casos, como por exemplo, em Bornstein (1975 [02]), Santos (2000 [37]), Wlazlo, Hartwing, Hand, Kaiser e Münchau (1990 [14]) e Wolpe (1981 [07]), a condição fisiológica é um mero “sintoma” de um fenômeno que, nesse caso, é necessariamente algo diferente, embora nem sempre esclarecido.

Em alguns trabalhos, a alteração fisiológica produzida pelas contingências que explicam a ansiedade é abordada salientando-se suas funções em uma relação

comportamental. Nesses casos, a condição fisiológica pode ser vista como: (a) um estímulo eliciador de respostas verbais ou não verbais; (b) um estímulo discriminativo para respostas não verbais mantidas por reforço negativo; e (c) um estímulo discriminativo para respostas não verbais mantidas por reforço positivo. Portanto, nesses casos em que a condição fisiológica adquire uma função, temos, então, uma interrelação entre as contingências que produziram a condição fisiológica e essas novas relações das quais a condição fisiológica participa.

São exemplos de trabalhos que atribuem à condição fisiológica uma função eliciadora os textos de Forsyth (2000 [34]), Forsyth e Eifert (1996 [21]), Forsyth, Eifert e Thompson (1996 [22]), Zvolensky, Lejuez e Eifert (1998 [31]), Wolpe e Rowan (1988 [13]) que consideram que as alterações fisiológicas do organismo podem apresentar-se como estímulos capazes de eliciar ataques de pânico.

A função discriminativa de condições fisiológicas para respostas não verbais mantidas por reforço negativo encontra-se sugerida nos trabalhos de Bouton, Mineka e Barlow, 2001 [39] e Zamignani e Banaco, 2005 [47]). Para Bouton, Mineka e Barlow, 2001 [39], a condição corporal tem função discriminativa não apenas para respostas de evitação da estimulação aversiva. Eles destacam também a possibilidade de, no que diz respeito ao ataque de pânico, haver uma resposta de esquiva também de comportamentos que provocam sintomas similares aos do ataque de pânico. Enquanto isso, Zamignani e Banaco, 2005 [47]), enfatizam principalmente a função discriminativa da condição corporal para respostas de fuga/ esquiva não apenas da estimulação aversiva, mas também de respostas que produzam a retirada ou o adiamento de uma tarefa indesejável.

Como exemplo de estudos que consideram a possibilidade de a condição fisiológica adquirir uma função de estímulo discriminativo para respostas não verbais mantidas por reforço positivo, tem-se a proposição de Zamignani e Banaco (2005 [47]) e Zamignani e Vermes (2003 [42]), que consideram a possibilidade da condição corporal servir com estímulo discriminativo para respostas que produzam atenção ou algum tipo de reforço social positivo.

As diversas referências a uma condição fisiológica na ansiedade não são acompanhadas de uma proposição sobre sua relevância para a definição do fenômeno. Como na abordagem de outros aspectos dos fenômenos descritos como instâncias de ansiedade, não se encontra uma proposição clara acerca da necessidade ou suficiência desse componente para definir um fenômeno como uma ocorrência de ansiedade. Portanto, abordar o produto fisiológico de contingências aversivas, e mesmo funções de estímulo adquiridas por essas mudanças, não implica definir a ansiedade nesses termos.

b) *Ansiedade como relações operantes não verbais X relações operantes verbais X relações operantes verbais e não verbais*

Na discussão sobre os tipos de relações envolvidas na descrição de ansiedade, os artigos apresentam pelos menos três tipos de relações possíveis. São elas: relações operantes não verbais, relações operantes verbais, e relações operantes verbais e não verbais. A primeira delas diz respeito à explicação da ansiedade enquanto um fenômeno no qual estão envolvidas relações não verbais, principalmente relações operantes.

A ansiedade é, em alguns casos, entendida como um fenômeno comportamental complexo, do qual participariam relações operantes não verbais. Neste sentido, o

primeiro aspecto destacado é o da supressão condicionada. Segundo Forsyth (2000 [34]), Queiroz e Guilhardi (2001 [41]), Sanger e Blackman (1976 [3]), Silva (1997 [25]), Oliveira e Duarte (2004 [46]), Viliers e Millenson (1972 [1]), Zamignani e Banaco (2005 [47]), a mudança no comportamento operante, principalmente no sentido de uma diminuição na frequência desse responder e a sinalização da apresentação de um estímulo aversivo pelo estímulo pré-aversivo, apresenta-se como uma das relações envolvidas na ansiedade.

Outros autores (Barbosa, 2004 [44]; Bouton, Mineka e Barlow, 2001 [39]; Cone, 1998 [26]; Eifert, 1984 [9]; Eifert e Wilson, 1991 [15]; Forsyth, 2000 [34]; Friman, Wilson e Hayes, 1998 [28]; Hopko, McNiel, Zvolensky e Eifert, 2001 [40]; Jones e Friman, 1999 [32]; Lejuez, O'Donnell, Wirth, Zvolensky, e Eifert, 1998 [30]; Oliveira e Duarte, 2004 [46]; Öst, 1987 [11]; Reiss, Peterson, Gursky e McNally, 1986 [10]; Santos, 2000 [37]; Silva, 1997 [25]; Zamignani e Banaco, 2005 [47]; Zamignani e Vermes, 2003 [42]; Wlazlo, Hartwing, Hand, Kaiser e Münchau, 1990 [14]; Wolpe, 1981 [7]), enfatizam o papel da resposta de fuga e/ou esquiva da estimulação aversiva como um dos componentes importantes do fenômeno. Para Friman, Hayes e Wilson (1998 [27]), essa esquiva da estimulação aversiva é tida como componente central da ansiedade. Para Bouton, Mineka e Barlow (2001 [39]), essa esquiva acontece não apenas no sentido da evitação da estimulação aversiva. Eles destacam a possibilidade de, no que diz respeito ao ataque de pânico, haver uma resposta de esquiva também de comportamentos que provocam sintomas similares aos do ataque de pânico.

A impossibilidade de controle sobre a apresentação da estimulação aversiva (incontrolabilidade) é citada por alguns autores (Barbosa, 2004 [44]; Forsyth e Eifert,

1996 [21] e Zvolensky, Lejuez e Eifert, 1998 [31]) como importante no aumento ou redução da ansiedade. Para eles, quanto maior for a possibilidade de controle sobre a apresentação do estímulo aversivo, menor será a ansiedade diante dessa estimulação. Outros autores (Queiroz e Guilhardi, 2001 [41]) destacam ainda a impossibilidade de uma resposta de fuga e/ou esquiva da estimulação aversiva como um importante fator da ansiedade. Neste sentido, a ansiedade seria definida enquanto um evento comportamental do qual participa a seguinte contingência: um estímulo sinaliza a apresentação do estímulo aversivo e não há comportamento de fuga/ esquiva possível.

Algumas relações envolvidas na ansiedade dizem respeito a variáveis históricas relacionadas com a ansiedade. Neste sentido, a ansiedade seria um fenômeno constituído também por essas relações. Wolpe (1981 [7]) destaca a experiência repetida com pais e professores exclusivamente punitivos e críticos. Zvolensky, Lejuez e Eifert (1998 [31]) destacam a experiência prévia com estimulação aversiva incontrolável. Outros eventos citados são a experiência passada com eventos incontroláveis e imprevisíveis (Bouton, Mineka e Barlow, 2001 [39] e Forsyth, 2000 [34]); a exposição a um ambiente rico em estimulação aversiva (Zamignani. e Banaco, 2005 [47]); a experiência com eventos de vida estressantes, como, por exemplo, perda de emprego ou de um parente próximo (Forsyth, 2000 [34]) e a convivência com pais ansiosos (Bouton, Mineka e Barlow, 2001 [39]).

Outros autores destacam também as variáveis ambientais conseqüentes envolvidas na ansiedade. Por exemplo, Woods e Miltenberger, 1996 [23], Zamignani. e Banaco, 2005 [47]), destacam as operações de reforçamento. Zamignani. e Banaco (2005 [47]), por exemplo, enfatizam principalmente a eliminação de outros estímulos

que não o estímulo aversivo, como, por exemplo, a retirada ou o adiamento de uma tarefa indesejável como estímulos reforçadores negativos responsáveis pela manutenção da ansiedade. Além disso, segundo Zamignani e Banaco (2005 [47]) e Zamignani e Vermes (2003 [42]), a ansiedade também pode estar sendo mantida por reforçamento positivo. Esses estímulos reforçadores positivos se apresentam principalmente na forma de atenção e de outros reforçadores sociais contingentes à ansiedade.

Entendendo a ansiedade enquanto um fenômeno envolvendo também relações operantes verbais, os artigos enfatizam diferentes aspectos desse tipo de relação. Um destes pontos é destacado por Bouton, Mineka e Barlow (2001 [39]), Eifert (1984 [9]), Forsyth e Eifert (1996 [20]), Forsyth, Eifert e Thompson (1996 [22]), Tyndall, Roche e James (2004 [45]) e Weiss e Evans (1978 [6]), e diz respeito ao condicionamento da linguagem ou condicionamento semântico. Neste sentido, algumas palavras quando pareadas com estímulos incondicionados, através do processo de condicionamento, tornam-se estímulos condicionados capazes de eliciar a ansiedade. Para Forsyth e Eifert (1996 [21]), Tyndall, Roche e James (2004 [45]) e Zamignani e Banaco (2005 [47]), há a possibilidade de que no processo de equivalência de estímulos, onde um dos membros da classe de estímulos equivalentes é um estímulo verbal, se encontre um controle de respostas de ansiedade por estímulos verbais. Zamignani e Banaco (2005 [47]), destacam a possibilidade de que respostas verbais descritivas de ansiedade assumam um caráter aversivo, tornando-se estímulos aversivos condicionados.

Alguns autores (Cone, 1998 [26]; Eifert e Wilson, 1991 [15]; Hayes, Hussian, Turner, Anderson e Grubb, 1983 [8]; Lejuez, O'Donnell, Wirth, Zvolensky e Eifert, 1998 [30] e Zamignani e Banaco, 2005 [47]), enfatizam o papel das autoverbalizações

enquanto importantes no controle de respostas de ansiedade ou como um dos componentes do fenômeno. Neste sentido, as auto-regras poderiam assumir controle sobre respostas de ansiedade (Eifert, 1984 [09]; Hopko, McNaiel, Zvolensky e Eifert, 2001 [40]). Para Friman, Hayes e Wilson (1998 [27]) e Friman, Wilson e Hayes (1998 [28]), o fenômeno da bidirecionalidade, no qual o relato verbal teria não apenas a função de descrever um estado de ansiedade, mas também de eliciar respostas de ansiedade, gerando um efeito reativo, deveria ser considerado importante na ansiedade.

Parece comum que os autores estejam considerando que estímulos verbais possam adquirir função enquanto eliciadores da resposta de ansiedade. No entanto, não há uma clareza se essa resposta de ansiedade refere-se a uma condição corporal característica; a um conjunto específico de relações entre estímulos e respostas, ou a uma outra coisa. As relações operantes verbais enfatizadas enquanto constitutivas de ansiedade tornam-se, dessa maneira, pouco claras.

Alguns autores dão ênfase tanto às relações operantes não verbais quanto às relações operantes verbais envolvidas na ansiedade. Para Bouton, Mineka e Barlow (2001 [39]), Cone (1998 [26]), Eifert (1984 [9]), Eifert e Wilson (1991 [15]), Forsyth (2000 [34]), Forsyth e Eifert (1996 [21]), Friman, Hayes e Wilson (1998 [27]), Friman, Wilson e Hayes (1998 [28]), Hopko, McNaiel, Zvolensky e Eifert (2001 [40]), Tyndall, Roche e James (2004 [45]) e Zamignani e Banaco (2005 [47]), a ansiedade deve ser entendida enquanto um fenômeno comportamental constituído de relações operantes não verbais, bem como das relações operantes verbais descritas anteriormente. Suas análises de cada uma dessas relações em separado indicam que cada uma delas tem um papel fundamental na ansiedade, mas estes autores não entendem nenhuma delas como

a única explicação para o fenômeno.

Por exemplo, Bouton, Mineka e Barlow (2001 [39]), Eifert (1984 [9]), Forsyth (2000 [34]), Hopko, McNaiel, Zvolensky e Eifert (2001 [40]), ao mesmo tempo em que fazem uma análise do comportamento de esquiva da estimulação aversiva como importante na ansiedade, também destacam o papel das auto-regras e/ou do condicionamento semântico enquanto componentes da mesma. Para Cone (1998 [26]), Eifert e Wilson (1991 [15]) e Friman, Hayes e Wilson (1998 [27]), tanto as relações operantes não verbais, como por exemplo, a esquiva de estímulo aversivos, quanto a autodescrição do estado ansioso, são consideradas elementos importantes da ansiedade. Forsyth e Eifert (1996 [21]) enfatizam tanto a questão da possibilidade de controle do indivíduo sobre os eventos aversivos e das relações existentes entre estímulos verbais e não verbais através da equivalência de estímulos, como também destacam o condicionamento da linguagem como componentes da ansiedade. A ênfase de Friman, Wilson e Hayes (1998 [28]) se dá tanto nas respostas de evitação quanto nas relações verbais envolvidas na ansiedade. Tyndall, Roche e James (2004 [45]) destacam a equivalência de estímulos como um tipo de relação derivada entre estímulos que pode levar a ansiedade a ficar sob controle de outros eventos que não os eventos originais de condicionamento, mas considera também o condicionamento semântico, como componentes constituintes da ansiedade.

Zamignani e Banaco (2005 [47]) destacam como componentes da ansiedade aspectos como a redução na eficiência comportamental e as respostas de fuga/esquiva em relação a algum evento aversivo, bem como as operações de reforçamento positivo e negativo; a possibilidade da ansiedade apresentar-se sob controle de uma variedade de

outros estímulos além daqueles do condicionamento original através do processo de equivalência de estímulos e a importância das variáveis históricas e das relações familiares enquanto variáveis antecedentes relacionadas com a ansiedade. Além disso, destacam também o papel funcional dos relatos auto-descritivos de ansiedade e das respostas verbais que por condicionamento e/ou por equivalência de estímulos tornam-se capazes de eliciar ansiedade. Para Zamignani e Banaco (2005 [47]), portanto, ambas as relações operantes verbais e não verbais envolvidas são imprescindíveis enquanto constitutivas do fenômeno da ansiedade.

c) Relações operantes verbais X operações estabelecedoras

Em alguns casos, os estímulos verbais enfatizados pelos autores têm função de tornar mais provável a ansiedade, que seria um tipo de fenômeno decorrente de cognições errôneas (Reiss, Peterson, Gursky e McNally, 1986 [10]; Wlazole, Hartwing, Hand, Kaiser e Münchau, 1990 [14]) e Wolpe, 1981 [07]; ou ainda de interpretações catastróficas quanto aos sintomas fisiológicos sentidos (Torres, 2000 [38]). Em todo caso, esses estímulos verbais são capazes de tornar o indivíduo mais vulnerável a sentir-se ansioso. Desta maneira, seriam eventos verbais que funcionariam como um tipo de operação estabelecidora para a ansiedade.

Entretanto, Zamignani e Banaco (2005 [47]) fazem uma interpretação de possíveis operações estabelecedoras enfatizando estímulos não necessariamente verbais. Neste sentido, encontram-se as contingências ambientais aversivas, que levam o indivíduo a uma condição crônica de interações que tornam mais provável a ansiedade. Além disso, o estado de privação também é visto como uma operação estabelecidora, na

medida em que, se há poucos reforçadores positivos disponíveis no ambiente do sujeito ansioso e os reforçadores positivos são produzidos apenas contingentemente à ansiedade, ela se manterá, mesmo que envolva estimulação aversiva.

Em ambos os casos, há condições verbais ou não verbais que são capazes de alterar a sensibilidade do organismo a contingências capazes de eliciar ou de tornar mais provável a ansiedade, funcionando assim como operações estabelecedoras para a mesma.

d) *Implicações para a Terapia Verbal*

Os tipos de relações consideradas constituintes do fenômeno comportamental da ansiedade em cada um dos artigos analisados repercute diretamente nos tipos de intervenção propostos para o tratamento da mesma.

Alguns artigos (Barlow, Rapee e Brown, 1992 [16]; Bornstein, 1975 [02]; Bouton, Mineka e Barlow, 2001 [39]; Forsyth, 2000 [34]; Forsyth e Eifert, 1996 [21]; Öst, 1987 [11]; Öst, 1988 [12]; Peterson, 1995 [19] e Zettle, 2003 [43]) propõem como forma de intervenção tratamentos visando principalmente uma redução das alterações fisiológicas características de ansiedade. A intervenção proposta por Bornstein (1975 [02]) e Forsyth e Eifert (1996 [21]) é a indução de alterações fisiológicas características da ansiedade (hiperventilação) através da inalação de CO₂ e em seguida a substituição por respostas incompatíveis com a ansiedade (relaxamento). Desta forma, o indivíduo aprende a lidar com esta alteração corporal, controlando-a. Para Forsyth (2000 [34]), Öst (1987 [11]), Öst (1988 [12]) e Zettle (2003 [43]), a aplicação de técnicas de relaxamento, como, por exemplo, o relaxamento aplicado ou o relaxamento progressivo, ajudam o indivíduo ansioso a reconhecer sinais de ansiedade e aprender a lidar com ela.

Outros tipos de intervenção como biofeedback e o uso de benzodiazepínicos (Barlow, Rapee e Brown, 1992 [16]), treino de respiração (Peterson, 1995 [19]) e manejo de estresse (Zettle, 2003 [43]) são propostas de intervenção enfatizando as relações respondentes envolvidas na ansiedade.

Alguns tipos de tratamento dão destaque para as relações operantes não verbais envolvidas na ansiedade. Para Barbosa (2004 [44]), Santos (2000 [37]) e Zamignani e Banaco (2005 [47]), primeiramente é importante conhecer a função da ansiedade na vida do indivíduo. Desta maneira, é essa análise funcional que norteará e indicará qual a forma de tratamento mais adequada para cada paciente. Zamignani e Banaco (2005 [47]), Zamignani e Vermes (2003 [42]) e Wlazlo, Hartwing, Hand, Kaiser e Münchau (1990 [14]), ressaltam a importância de um levantamento e aquisição de novas habilidades relacionadas aos déficits comportamentais, como uma forma de diminuir a ansiedade. Neste sentido, uma ampliação do contato do indivíduo ansioso com eventos reforçadores é destacada por Zamignani e Banaco (2005 [47]) e Zamignani e Vermes (2003 [42]) como importante no tratamento de ansiedade. Além disso, Queiroz e Guilhardi (2001 [41]) ressaltam a necessidade da modelagem de uma resposta de fuga/esquiva possível para o tratamento e diminuição da ansiedade. Segundo estes mesmos autores, é necessário também ensinar o cliente a fazer uma análise funcional das variáveis relacionadas com a ansiedade.

Uma alteração de contingências ambientais que possam estar envolvidas na instalação e manutenção da ansiedade é proposta por Cone (1998 [26]), Queiroz e Guilhardi (2001 [41]), Santos (2000 [37]) e Zamignani e Vermes (2003 [42]) como uma forma de tratamento. Uma análise e intervenção sobre as relações familiares é proposta

por Zamignani e Banaco (2005 [47]) e Zamignani e Vermes (2003 [42]) como importante no tratamento de ansiedade. Além disso, são mencionadas como formas de tratamento para a ansiedade, as técnicas de exposição à situação temida e descondicionamento de ansiedade, como, por exemplo, a dessensibilização e/ou inundação, citadas pelos autores (Barbosa, 2004 [44]; Bouton, Mineka e Barlow, 2001 [39]; Forsyth, 2000 [34]; Forsyth e Eifert, 1996 [20]; Friman, Hayes e Wilson, 1998 [27]; Jones e Friman, 1999 [32]; Zamignani e Banaco, 2005 [47]); Zamignani e Vermes, 2003 [42]; Zinbarg, 1993 [18]; Wlazlo, Hartwing, Hand, Kaiser e Münchau, 1990 [14]; Wolpe, 1977 [04]; Wolpe, 1981 [07]; Wolpe e Rowan, 1988 [13]; bem como a prevenção de resposta (Forsyth, 2000 [34]; Friman, Hayes e Wilson, 1998 [27]; Zamignani e Banaco, 2005 [47] e Zamignani e Vermes, 2003 [42]), a parada de pensamento (Forsyth, 2000 [34]) e a inibição recíproca (Wolpe, 1981 [07]).

Algumas intervenções são propostas enfocando as relações operantes verbais envolvidas na ansiedade. Neste sentido, Eifert (1984 [09]) e Weiss e Evans (1978 [06]) propõem uma modificação do valor afetivo de estímulos clinicamente relevantes (geralmente verbais), ou seja, uma modificação de autoverbalizações negativas através do descondicionamento da linguagem como forma de diminuir a ansiedade.

Segundo Torres (2000 [38]), deve-se focar os componentes verbais envolvidos na ansiedade promovendo um enfraquecimento do contexto de literalidade. Este autor explica que pelo processo de equivalência de estímulos e relações derivadas entre estímulos verbais e não verbais, as palavras podem adquirir novos significados. Sendo assim, a pessoa responderia ansiosamente ao significado literal de uma palavra. Para quebrar este círculo, deve-se levar o cliente a reconhecer e olhar as autoverbalizações

como o que elas verdadeiramente são e não o que elas dizem que são. Este processo levaria a uma diminuição da ansiedade diante daquela palavra específica.

Para alguns autores, a intervenção mais apropriada para lidar com a ansiedade no sentido de minimizá-la seria através da adição de afirmativas de enfrentamento diante da situação temida (Hayes, Hussian, Turner, Anderson e Grubb, 1983 [08]) ou de instruções para enfrentar as situações temidas até que a ansiedade diminua (Wlazlo, Hartwing, Hand, Kaiser e Münchau, 1990 [14]). Neste caso, o indivíduo deveria acrescentar ao seu repertório auto-regras de enfrentamento, para que assim ele conseguisse enfrentar as situações ansiogênicas sem manifestar ansiedade.

A Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) é vista como um tipo de terapia eficaz no tratamento de ansiedade por Barbosa (2004 [44]), Cone (1998 [26]), Forsyth (2000 [34]), Torres (2000 [38]) e Zettle (2003 [43]). Deste modo, as técnicas de tratamento giram em torno de estratégias que objetivam lidar com a esquiva das emoções e seus correlatos e também promover alterações dos contextos sócio-verbais do cliente. Além disso, busca-se estabelecer no repertório dele o comportamento de assumir um compromisso com as mudanças comportamentais. Para Barbosa (2004 [44]) também é importante pensar em estratégias para ajudar o cliente a perceber que ele tem controle sobre a situação de ameaça, entendendo que, assim, o indivíduo sentiria-se menos ansioso diante dela.

A Terapia Analítica Funcional (FAP) também é citada como um tipo de intervenção importante para o tratamento de ansiedade por Barbosa (2004 [44]) e Zamignani e Vermes (2003 [42]). Neste caso, a relação terapeuta-cliente e as intervenções realizadas no próprio *setting* terapêutico são o foco. Este tipo de

intervenção visa, principalmente, a alteração dos padrões de interação social do cliente. A relação terapêutica é considerada também importante na aplicação da técnica de exposição ao estímulo temido, visto que o cliente pode apresentar padrões de agressividade ou outros comportamentos inadequados e uma relação de confiança entre terapeuta e cliente auxilia no manejo dessa situações.

Barbosa (2004 [44]) também sugere a possibilidade de um acompanhamento multidisciplinar para o tratamento de ansiedade.

Uma ênfase nos processos cognitivos é realizada por alguns autores. Neste sentido, falando em termos de uma correção de concepções errôneas (Wolpe, 1977 [04]), intervenção sobre as falsas crenças (Wolpe, 1981 [07]) ou de uma reestruturação cognitiva (Forsyth, 2000 [34]) e Zinbarg, 1993 [18]), estes autores enfatizam técnicas utilizadas pela Terapia Cognitiva como uma das propostas de intervenção para a ansiedade.

Para determinados autores (Barlow, Rapee e Brown, 1992 [16]; Bouton, Mineka e Barlow, 2001 [39] e Wolpe, 1977 [04]), o tratamento de ansiedade, para ser mais eficaz, deve ser realizado pela combinação de dois tipos de intervenção enfocando mais de um aspecto do fenômeno. Por exemplo, para Wolpe (1977 [04]), deve-se realizar uma intervenção cognitiva unida ao descondicionamento para que a intervenção tenha melhores resultados. Barlow, Rapee e Brown (1992 [16]), enfatizam que a combinação da terapia cognitiva com as técnicas de relaxamento é mais eficaz que intervenções que enfoquem apenas um dos aspectos. Para Bouton, Mineka e Barlow (2001 [39]), deve-se promover uma extinção e contracondicionamento dos eventos interoceptivos, exteroceptivos, verbais e cognitivos conjuntamente, como uma forma mais efetiva de

tratamento que o contracondicionamento de apenas um destes eventos em separado.

Para concluir, observa-se que as intervenções propostas enfatizam diferentes aspectos do fenômeno da ansiedade. Em todo caso, são intervenções que enfatizam aspectos respondentes e/ou operantes não verbais e/ou relações operantes verbais envolvidas na ansiedade.

DISCUSSÃO

Os dados quantitativos a respeito da distribuição das publicações sobre ansiedade mostram que, na literatura da análise do comportamento, estudos sobre o tema, apesar de aparecerem com certa regularidade ao longo dos anos, ainda constituem um número reduzido de trabalhos. Uma frequência um pouco maior de estudos é encontrada nos periódicos voltados para a intervenção clínica. Estes dados podem ser indicativos de que a ansiedade, enquanto um fenômeno comportamental, ainda tem sido pouco explorada pela pesquisa na Análise do Comportamento e que o tema merece uma maior atenção pelos pesquisadores da área. Além disso, os dados sobre autoria dos artigos examinados indicam que, na Análise do Comportamento, há um número inexpressivo de autores engajados em pesquisas teórico-conceituais e/ou experimentais sobre a ansiedade, realizadas de forma mais sistemática e constante. Tem-se a impressão de que vários autores em algum momento se voltam para o tema, entretanto o assunto não é levado adiante.

Algumas hipóteses a respeito destes dados podem ser levantadas. Primeiro, as divergências conceituais encontradas acerca da definição de ansiedade podem ser um fator de dificuldade na hora da escolha de problemas a serem pesquisados. Dessa forma, há uma esquiwa por parte dos pesquisadores, principalmente da área experimental, em desenvolver pesquisas a respeito de um tema relevante, mas de difícil medida. Parte dessa dificuldade é superada quando as pesquisas experimentais definem como parâmetro a ser investigado a alteração fisiológica característica de ansiedade. Neste caso, para alguns dos textos categorizados, a ansiedade enquanto alteração fisiológica

constitui uma variável dependente sobre a qual se observam efeitos de variáveis diversas como a inalação de CO₂, o treino de habilidades sociais, a d-amfetamina, o condicionamento através de auto-verbalizações etc. Dessa forma, a ansiedade passa a ser um simples estado do organismo que pode ser afetado por mudanças em variáveis ambientais. Sendo assim, após o término da pesquisa acerca do efeito de uma variável específica, as pesquisas posteriores se voltam para o efeito de outras variáveis sobre a mesma medida da ansiedade (alteração fisiológica). Assim, a ansiedade enquanto um fenômeno comportamental deixa de ser investigada.

Um segundo ponto é que o recorte utilizado para este trabalho pode ter reproduzido um tipo de dado que poderia ser diferente se outras escolhas metodológicas tivessem sido feitas. Quando se observa que há um maior investimento em estudar a ansiedade em periódicos relacionados com intervenções clínicas, tem-se como resultado uma preocupação com os transtornos de ansiedade. No entanto, a delimitação de um critério de exclusão de artigos relacionados a aspectos específicos de algum transtorno pode ter limitado a identificação de publicações na área. Pode ser que se esse critério não tivesse sido adotado, o número de artigos encontrados sobre o tema fosse mais expressivo. Entretanto, esse viés metodológico não elimina a discussão de que a ansiedade enquanto um fenômeno comportamental tem sido pouco explorada na análise do comportamento, na medida em que ela se torna apenas uma característica de algum transtorno específico ou um tipo de evento comum a todos os transtornos classificados como de ansiedade. É restrita a preocupação em entender a ansiedade enquanto um fenômeno comportamental complexo, e mais freqüente o interesse em produzir conhecimento sobre critérios diagnósticos e tipos de intervenção eficazes e capazes de

eliminar a ansiedade em cada um dos transtornos.

Como resultado, tem-se a permanência da divergência conceitual, na medida em que cada um dos pesquisadores adota parâmetros diferentes e critérios diferenciados a serem utilizados nos estudos sobre ansiedade. Em algumas pesquisas experimentais, a medida para os estudos sobre ansiedade reduz-se à alteração fisiológica. Enquanto isso, em artigos mais voltados para a área clínica, há uma ênfase em critérios específicos de diagnóstico e tratamento para transtornos de ansiedade. Além disso, não há um diálogo entre essas diferentes abordagens, resultando numa produção reduzida, não sistematizada e não progressiva sobre o tema.

Uma apreciação das diferentes categorias encontradas nos artigos no decorrer dos anos demonstrou que não houve grandes mudanças nos tipos de fenômenos abordados ao longo do tempo. A exploração mais detalhada destes dados pode sugerir que não há uma variação muito grande dentro dos textos categorizados quando ao tipo de variáveis consideradas relevantes quando se fala do fenômeno da ansiedade. O que parece mudar é o enfoque das explicações. Por exemplo, no que diz respeito à categoria componentes operantes verbais, enquanto nas décadas de 70 e 80 os autores, como por exemplo, Eifert (1984 [9]) e Weiss e Evans (1978 [6]), assim como em Skinner (1957), falavam da possibilidade de uma palavra, através do processo de condicionamento, passar a eliciar uma resposta emocional, na década de 90, a ênfase é firmada não apenas nesse tipo de condicionamento, mas, também, sobre as possíveis relações entre os diversos estímulos verbais e não verbais (Forsyth, 2000 [34]), seja por equivalência de estímulos (Forsyth e Eifert, 1996 [21] e Zamignani, D. R e Banaco, R. A., 2005 [47]) ou pela formação de quadros relacionais (Friman, Hayes e Wilson, 1998 [27] e Friman,

Wilson e Hayes, 1998 [28]). Sendo assim, a inclusão dos componentes operantes verbais na definição de ansiedade acontece desde cedo, no entanto, a formulação e explicação do que seriam esses componentes e de que forma eles se apresentam no fenômeno da ansiedade variam no decorrer dos anos, na medida em que novas tendências teóricas vão surgindo na área.

Diante da diversidade dessas explicações para o fenômeno da ansiedade cabe ressaltar que o objetivo do presente trabalho não é responder à pergunta “o que é a ansiedade?” Mas analisar os diferentes usos desse conceito pela comunidade de analistas do comportamento. Dessa forma, o que se pretende com esta discussão é examinar que aspectos controlam as descrições dos autores, ou seja, entender sob controle de que contingências eles falam de um modo ou de outro ao conceituar a ansiedade.

Uma primeira percepção é a de que as funções do conceito “ansiedade” são amplamente variáveis e os autores referem-se ao fenômeno sob controle de uma diversidade de fatores muito grande, dentre eles, a) o tipo de relações comportamentais envolvidas; b) o arranjo de contingências que produzem aquelas relações; c) as condições corporais produzidas concomitantemente pelas mesmas contingências; d) as funções dessas condições corporais nas relações comportamentais; e) os processos por meio dos quais estímulos verbais participam dessas relações; f) os ambientes sociais que favorecem a instalação e manutenção de ansiedade etc.

Com relação às categorias utilizadas no presente trabalho, isso pode ser notado pelas variações no que se reporta aos componentes envolvidos (respondentes, operantes não verbais ou verbais) e mesmo quando se trata de um mesmo tipo de componente. Por

exemplo, ao considerar os componentes operantes não verbais, alguns autores salientam a questão da supressão condicionada enquanto uma descrição da ansiedade (Forsyth, 2000 [34], Queiroz e Guilhardi, 2001 [41], Sanger e Blackman, 1976 [3], Silva, 1997 [25], Oliveira e Duarte, 2004 [46], Viliers e Millenson, 1972 [1], Zamignani e Banaco, 2005 [47]). Enquanto isso, outros autores destacam questões envolvendo incontabilidade sobre o evento aversivo (Barbosa, 2004 [44], Forsyth e Eifert, 1996 [21], Zvolensky, Lejuez e Eifert, 1998 [31]). O que se observa é que mesmo tratando-se de um mesmo componente, o uso do conceito de ansiedade para cada conjunto de autores é feito sob controle de aspectos diferentes.

Um dos objetivos do presente trabalho consiste de tentar reconhecer diante da diversidade de definições encontradas, os aspectos comuns aos diferentes usos e com isso verificar sob que condições estes aspectos comuns podem variar.

Uma análise nesse sentido sugere que o aspecto principal abordado pelos autores ao falarem de ansiedade diz respeito à presença de contingências aversivas tanto na sua instalação quanto na sua manutenção. Desde os modelos experimentais (Estes & Skinner, 1961), passando pela definição de supressão condicionada (Forsyth, 2000 [34], Queiroz e Guilhardi, 2001 [41], Sanger e Blackman, 1976 [3], Silva, 1997 [25], Oliveira e Duarte, 2004 [46], Viliers e Millenson, 1972 [1], Zamignani e Banaco, 2005 [47]) ou pela importância das respostas de fuga e esquiva da estimulação aversiva (Barbosa, 2004 [44], Bouton, Mineka e Barlow, 2001 [39], Cone, 1998 [26], Eifert, 1984 [9], Eifert e Wilson, 1991 [15], Forsyth, 2000 [34], Friman, Wilson e Hayes, 1998 [28], Hopko, McNaiel, Zvolensky e Eifert, 2001 [40], Jones e Friman, 1999 [32], Lejuez, O'Donnell, Wirth, Zvolensky, e Eifert, 1998 [30], Oliveira e Duarte, 2004 [46], Öst,

1987 [11], Reiss, Peterson, Gursky e McNally, 1986 [10], Santos, 2000 [37], Silva, 1997 [25], Zamignani e Banaco, 2005 [47], Zamignani e Vermes, 2003 [42], Wlazlo, Hartwing, Hand, Kaiser e Münchau, 1990 [14], Wolpe, 1981 [7]), a sinalização do estímulo aversivo pelo estímulo pré-aversivo é tida como uma contingência importante na conceituação da ansiedade. A presença de uma contingência aversiva parece ser um ponto de convergência entre os autores.

Entretanto, algumas variações podem ser encontradas. Pode-se incluir, por exemplo, a suposição de que a ansiedade pode envolver contingências reforçadoras, como, por exemplo, em situação de espera. No entanto, segundo Zamignani e Banaco (2005 [47]), esse tipo de contingência não é o que tem sido considerado como ansiedade enquanto problema clínico. O que dá origem à queixa é a experiência com eventos aversivos. Dessa forma, o que se apresenta como comum entre as variadas definições é o indivíduo estar exposto a um arranjo de contingências dos quais participa um estímulo sinalizador que pode ser aversivo ou não.

Outra variação no arranjo de contingências, citada no contexto de conceituação de ansiedade diz respeito à questão da incontrolabilidade sobre a apresentação do estímulo aversivo. Essa discussão aparece em Barbosa (2004 [44]), Forsyth (2000 [34]), Forsyth e Eifert (1996 [21]) e Zvolensky, Lejuez e Eifert (1998 [31]), que afirmam que a intensidade da ansiedade é inversamente proporcional à possibilidade de controle sobre a estimulação aversiva, ou seja, quanto mais controle o indivíduo tiver sobre a apresentação do aversivo, menos ansiedade ele sentirá.

Se o componente da incontrolabilidade é importante para a definição da ansiedade, algumas questões podem ser levantadas neste momento, como por exemplo,

qual a relação existente entre a incontrolabilidade citada nestas definições de ansiedade e a incontrolabilidade estudada no fenômeno do desamparo aprendido. O fenômeno do desamparo aprendido tem sido considerado como um modelo animal da depressão (Hunziker, 2005). Neste caso, o que há de comum entre ansiedade e depressão e quais as variações existentes entre os dois fenômenos que os tornam conceitualmente diferentes?

Segundo Hunziker (2005), “o desamparo aprendido tem sido definido como a dificuldade de aprendizagem apresentada por indivíduos que tiveram experiência prévia com estímulos incontroláveis” (p. 131). Os estudos sobre o desamparo são feitos quase em sua maioria envolvendo estimulação aversiva. A contingência é a de que, nas sessões de treino, há uma incontrolabilidade sobre a estimulação aversiva, e não há resposta do sujeito que possa eliminá-la. Tem-se uma situação, portanto, que é análoga à contingência citada nas definições de ansiedade, na qual o sujeito não tem controle sobre a apresentação do estímulo aversivo. Apesar dessa semelhança, um dado interessante é de que, na ansiedade, a sinalização (exercida pelo estímulo pré-aversivo) da estimulação aversiva parece também adquirir funções aversivas. Neste sentido, parece que um fator importante na conceituação de ansiedade não é apenas a experiência com a incontrolabilidade, como no caso da depressão, mas essa experiência aliada à sinalização (por um estímulo pré-aversivo) do estímulo aversivo.

No entanto, essa sinalização sobre eventos ambientais pode não necessariamente envolver apenas estimulação aversiva. Isto pode ser confirmado pelo fato de que mesmo em situações que envolvem estímulos reforçadores, ou seja, em situações de sinalização de reforçamento em longo prazo, como por exemplo, a

sinalização de uma viagem muito esperada ou de um presente desejado, a ansiedade também pode estar presente. Portanto, parece que a sinalização, de eventos aversivos ou reforçadores, se apresenta enquanto um estímulo que adquire funções aversivas, mesmo em situações que envolvam reforçadores positivos. Em decorrência disso, variáveis envolvendo sinalização de reforçadores também podem estar envolvidas e precisam ser levadas em consideração em uma definição de ansiedade. Embora essas contingências não sejam relacionadas à ansiedade enquanto um problema clínico, algumas variações podem ser analisadas neste momento.

Uma delas diz respeito à possibilidade de que a sinalização de um reforçador temporalmente atrasado gere ansiedade devido a uma história de problemas com o autocontrole. Se o indivíduo, em sua história de vida, já aprendeu a responder sob controle de reforços atrasados de maior magnitude (autocontrole) pode ser menos provável que a sinalização do reforço assuma funções aversivas. Entretanto, para um indivíduo que responde predominantemente sob controle de contingências imediatas (impulsividade) será mais provável que sinalização do reforço atrasado se torne um evento com funções aversivas capazes de gerar ansiedade. Se entendermos que problemas com o autocontrole possam estar relacionados com a ansiedade enquanto queixa clínica, mesmo que em menor medida, a análise dessas variáveis se torna ainda mais importante. Discussões nesse sentido precisam ser aprofundadas a fim de dar conta de uma gama de situações que ocorrem envolvendo ansiedade, eventos reforçadores e dificuldades com o autocontrole.

Ainda analisando semelhanças entre o desamparo aprendido e ansiedade, pode-se salientar que, no desamparo, o comportamento dos sujeitos experimentais nas sessões

de teste, após a experiência prévia com a incontrollabilidade é de uma insensibilidade às novas contingências. Na situação de teste, apesar de haver uma resposta de fuga/esquiva possível, os sujeitos não conseguem aprender estas respostas, mesmo que elas eliminem o estímulo aversivo. O que os sujeitos demonstram é uma certa apatia, com latências altas de resposta, ou seja, uma passividade frente ao aversivo (Hunziker, 2005). Na ansiedade, a apresentação do estímulo pré-aversivo leva o sujeito a um padrão de ausência ou diminuição das taxas de resposta, conforme descrito nos estudos de Estes e Skinner (1961) e conforme a definição de supressão condicionada de Millenson (1967/1975).

Topograficamente, as duas respostas podem ser consideradas semelhantes. Dada uma situação envolvendo estimulação aversiva, os sujeitos param ou diminuem a frequência do seu responder. Isto explicaria, em parte, as definições de senso comum de que a ansiedade é um “sentimento” paralisante, bem como a depressão que é vista como um “sentimento” que impossibilita o sujeito de agir sobre o mundo. Em ambos os casos, os indivíduos se tornam passivos diante das contingências ambientais. Neste sentido, as explicações de senso comum podem estar levando em consideração as topografias semelhantes das respostas envolvidas em cada um dos fenômenos.

É importante frisar, no entanto, que as diferenças nas contingências envolvidas nos dois fenômenos é que explicam os usos dos dois conceitos. No desamparo, há uma resposta de fuga/esquiva possível, mas não ocorre a aprendizagem delas. O que acontece, segundo Hunziker (2005) é uma insensibilidade ao reforçamento negativo devido à aprendizagem da ausência da relação R-S que é oposta à aprendizagem da resposta de fuga (neste caso, uma aprendizagem elimina a outra). Na ansiedade,

contudo, há uma supressão da resposta operante devido à contingência de sinalização e inevitável apresentação do aversivo.

Apesar de entender que os processos envolvidos na diminuição das taxas de resposta dos indivíduos em cada um dos fenômenos são diferenciados, no que diz respeito à supressão condicionada cabe salientar que, na sua explicação, em nenhum momento fica claro que condições controlam o sujeito quando ele pára de responder. O que explicaria essa supressão do responder? Segundo Pessotti (1978) há dúvidas quanto à explicação da supressão condicionada, principalmente, porque nenhum dos estudos pode afirmar com certeza se a supressão ocorre por conta de que “em situações de ameaça, o engajamento em atividades reforçadoras diminui, principalmente se tal atividade não reduz a aversividade da situação” (p. 56) ou se o que ocorre com os sujeitos é uma reação fisiológica eliciada pelo pré-aversivo que impede a emissão da resposta operante. Neste sentido, os estudos acerca dessas diferentes hipóteses não são conclusivos, permanecendo o questionamento para pesquisas futuras.

Portanto, analisando estes diferentes aspectos, conclui-se que ansiedade e depressão até podem ter alguns elementos em comum, como por exemplo, uma experiência com a incontrolabilidade diante de estimulação aversiva, e uma topografia de resposta semelhante na presença dessa estimulação, mas os elementos realmente importantes para as suas definições funcionais vão além disso. Tanto no senso comum, quanto entre analistas do comportamento, as definições de ansiedade e depressão distinguem-se pelas práticas culturais envolvidas nos usos de cada um desses conceitos. Para os pesquisadores da Análise do comportamento, essas práticas envolvem também o conhecimento das contingências envolvidas nos dois fenômenos.

Outra variação encontrada nas diferentes definições de ansiedade nos autores examinados diz respeito ao papel das alterações fisiológicas na definição do fenômeno. Quanto a isso, o que parece comum entre os autores é a noção de que uma contingência envolvendo a sinalização de uma estimulação aversiva produz uma condição fisiológica que é importante para a definição da ansiedade (Bornstein, 1975 [02], Cone, 1998 [26], Eifert e Wilson, 1991 [15], Forsyth e Eifert, 1996 [20], Friman, Hayes e Wilson, 1998 [27], Hopko, McNaieI, Zvolensky e Eifert, 2001 [40], Lejuez, O'Donnell, Wirth, Zvolensky e Eifert, 1998 [30], Öst, 1987 [11], Queiroz e Guilhardi, 2001 [41], Santos, 2000 [37], Silva, 1997 [25], Zamignani. e Banaco, 2005 [47], Wlazlo, Hartwing, Hand, Kaiser e Münchau, 1990 [14] e Wolpe, 1981 [07]).

Contudo, há variações com respeito ao papel dessa alteração fisiológica em torno de dois aspectos. Primeiro, essa condição corporal pode ser entendida como mero subproduto dos arranjos que a produzem. No entanto, ela tem tal centralidade que são feitas propostas de intervenção com o intuito de alterá-las, mesmo que não sejam intervenções que alterem as contingências das quais são subprodutos. Esse é o caso da análise feita por Barlow, Rapee e Brown, (1992 [16]) e Zettle (2003 [43]).

Essa concepção gera alguns problemas, dentre eles, se a definição de ansiedade é limitada apenas a uma condição corporal, ela torna-se um fenômeno fisiológico, que foge do alcance da Psicologia e vira objeto de estudo da fisiologia. Além disso, quando se entende um fenômeno desta forma, exclui-se toda uma gama de outras relações existentes reduzindo um fenômeno complexo a uma mera condição física do indivíduo. Com base nos construtos da Análise do Comportamento, deve-se entender o fenômeno sob uma perspectiva multideterminada e relacional: envolvendo aspectos respondentes,

operantes não verbais e verbais, e não limitar a análise a um conjunto de condições corporais.

Em segundo lugar, tem-se a discussão de que essas alterações fisiológicas podem adquirir determinadas funções para o comportamento do indivíduo. Neste caso, essa condição pode ser vista como estímulo para outras respostas ou enquanto uma resposta fisiológica (eliciada pelo pré-aversivo ou por estímulos verbais).

Enquanto um estímulo, essa condição corporal pode apresentar-se com as funções de: operação estabelecadora, estímulo discriminativo para uma resposta verbal de ansiedade, estímulo discriminativo para respostas não verbais mantidas por reforçamento negativo, estímulo discriminativo para respostas não verbais mantidas por reforçamento positivo.

A condição corporal, enquanto uma operação estabelecadora, mostra-se importante numa conceituação de ansiedade, pelo fato de que, em alguns momentos, ela tem uma função “paralisante”, ou seja, afetando a responsividade do organismo a outras contingências, inclusive de reforçamento positivo. Mesmo que se considere que essa condição fisiológica nem é específica da ansiedade, podendo acontecer em outras situações, e nem é idêntica para todos os indivíduos, ela é uma alteração que quando produzida por um determinado arranjo de contingências pode variar dentro de uma intensidade que chegue a comprometer a responsividade do organismo a outras contingências.

Partindo do pressuposto de que o organismo que se comporta é um organismo como um todo, não se pode excluir de qualquer análise as funções desempenhadas pela fisiologia do organismo, entendendo sempre que, como salientam Tourinho, Cavalcante,

Brandão e Maciel (2000), “há circunstâncias nas quais as alterações anátomo-fisiológicas passam a constituir uma restrição ao estabelecimento de novas relações comportamentais, na medida em que alteram a sensibilidade/reatividade dos indivíduos a propriedades relevantes de seu ambiente” (p. 250). É neste sentido que a alteração fisiológica enquanto operação estabelecadora acaba por restringir a sensibilidade do organismo a determinadas contingências ambientais.

Outra função exercida pela condição corporal pode ser a de estímulo discriminativo (SD) para respostas verbais e não verbais. Num primeiro aspecto, a alteração fisiológica funciona enquanto sinalizador de uma situação apropriada para a resposta verbal “estou ansioso”. Embora a descrição verbal de ansiedade se dê a partir da modelagem dessas respostas pela comunidade verbal da qual o sujeito faz parte, por meio da observação de correlatos publicamente observáveis, não se pode perder de vista que o indivíduo ao se descrever como ansioso também fica, parcialmente, sob controle de uma determinada estimulação privada (alteração fisiológica). Neste sentido, em uma outra situação na qual o indivíduo entre em contato com essas mesmas estimulações, elas servirão como estímulo discriminativo para a descrição verbal do estado ansioso.

Por outro lado, a alteração fisiológica pode funcionar enquanto estímulo discriminativo para respostas não verbais de fuga/esquiva. Neste sentido, o indivíduo ao experienciar determinada condição corporal engaja-se em respostas de fuga/esquiva com o intuito de eliminar essa alteração fisiológica. Por exemplo, um indivíduo que tem ataques de pânico experimentando diversas reações orgânicas em situações de direção, passa a evitar novas situações em que tenha que dirigir novamente a fim de não mais entrar em contato com essa condição corporal. Uma análise semelhante é indicada por

Bouton, Mineka e Barlow (2001 [39]) ao afirmarem que o indivíduo passa a evitar a emissão de qualquer resposta que seja capaz de provocar as reações fisiológicas características dos ataques de pânico. Neste sentido, a alteração fisiológica sinaliza uma situação para a resposta de fuga/esquiva, que é reforçada negativamente com a eliminação temporária dessa condição corporal.

Uma análise importante que pode ser realizada neste instante diz respeito ao fato de que a condição fisiológica, neste caso, parece adquirir funções aversivas capazes de gerar respostas de fuga/esquiva. Neste sentido, ela só funcionaria enquanto SD para respostas de evitação, por ter adquirido as mesmas funções aversivas da contingência ambiental que a produziu.

A alteração fisiológica pode também ser estímulo discriminativo para respostas reforçadas positivamente, como por exemplo, queixar-se ou lamentar-se dos sintomas físicos sendo este comportamento conseqüenciado com atenção social. Neste sentido, as reações orgânicas do indivíduo, funcionam como SD para respostas que sejam reforçadas positivamente com carinho, atenção e cuidados de pessoas queridas, conforme indicado por Zamignani e Banaco (2005 [47]) e Zamignani e Vermes (2003 [42]).

Em outras situações, a alteração fisiológica pode ser estímulo discriminativo para respostas que sejam reforçadas negativamente, como por exemplo, respostas que eliminem a responsabilidade do indivíduo de execução de uma tarefa indesejável, conforme indicado por Zamignani e Banaco (2005 [47]). Essa alteração sinaliza, portanto, a possibilidade de reforçamento negativo. No entanto, é importante frisar que, neste caso, não ocorre a eliminação da estimulação aversiva ou da própria condição

corporal, mas sim o adiamento de outras atividades que estejam ocorrendo no momento em que o indivíduo experiencia as reações orgânicas produzidas pela estimulação aversiva.

Como sinalizado anteriormente, essa condição corporal também pode apresentar-se como uma resposta. A análise da condição corporal enquanto uma resposta fisiológica do organismo é realizada por Bornstein (1975 [02]), Cone (1998 [26]), Eifert e Wilson (1991 [15]), Forsyth e Eifert (1996 [20]), Friman, Hayes e Wilson (1998 [27]), Hopko, McNaiel, Zvolensky e Eifert (2001 [40]), Lejuez, O'Donnell, Wirth, Zvolensky e Eifert (1998 [30]), Öst (1987 [11]), Santos (2000 [37]), Zamignani e Banaco (2005 [47]), Wlazlo, Hartwing, Hand, Kaiser e Münchau (1990 [14]) e Wolpe (1981 [07]). Além disso, uma análise da condição corporal enquanto uma resposta fisiológica participante nas relações de condicionamento respondente é apresentada por Forsyth (2000 [34]), Forsyth e Eifert (1996 [20]), Forsyth e Eifert (1996 [21]), Oliveira e Duarte (2004 [46]), Queiroz e Guilhardi (2001 [41]), Reiss, Peterson, Gursky e McNally (1986 [10]) e Wolpe (1981 [07]). Nesses artigos, portanto, a alteração fisiológica é entendida enquanto uma resposta do organismo, sendo, então, um produto das contingências ambientais aversivas e/ou uma resposta fisiológica indicativa do estado de ansiedade. Vale ressaltar que, nessas análises, essa condição corporal é parte do fenômeno da ansiedade, ou seja, a ansiedade não seria limitada a esse conjunto de condições corporais, sendo, portanto uma outra coisa ou algo que vai além disso.

Tomando como ponto de referência a relação existente entre essa condição corporal e os componentes operantes verbais envolvidos, uma outra discussão pode ser realizada. Nas análises realizadas por Friman, Hayes e Wilson (1998 [27]), Friman,

Wilson e Hayes (1998 [28]), quando tratam da bidirecionalidade ou de Cone (1998 [26]), Eifert (1984 [09]), Eifert e Wilson (1991 [15]), Hayes, Hussian, Turner, Anderson e Grubb (1983 [8]), Hopko, McNaiel, Zvolensky e Eifert (2001 [40]), Lejuez, O'Donnell, Wirth, Zvolensky e Eifert (1998 [30]) e Zamignani. e Banaco (2005 [47]) quando consideram o papel das autoverbalizações e/ou auto-regras enquanto importantes fontes de controle de respostas de ansiedade, essa condição corporal passa a ser vista enquanto uma resposta fisiológica produzida por estímulos verbais. O que parece estar indicado é que a alteração fisiológica pode apresentar-se também como uma resposta do organismo produzida por um estímulo verbal, da mesma maneira em que anteriormente essa condição corporal pode ter tido a função de Sd para a emissão desse mesmo estímulo verbal, isto é, para uma autodescrição da ansiedade.

Outro desmembramento das possibilidades de relação existente entre a condição corporal, enquanto uma resposta fisiológica, e os componentes operantes verbais, toma por base a noção do condicionamento semântico citada por Bouton, Mineka e Barlow (2001 [39]), Eifert (1984 [9]), Forsyth e Eifert (1996 [20]), Forsyth, Eifert e Thompson (1996 [22]), Tyndall, Roche e James (2004 [45]) e Weiss e Evans (1978 [texto 6]) ou as relações entre classes de estímulos envolvendo estímulos verbais e não verbais equivalentes citadas por Forsyth e Eifert (1996 [21]), Tyndall, Roche e James (2004 [45]) e Zamignani. e Banaco (2005 [47]). Nos dois casos, a condição corporal é tida ou como uma resposta fisiológica condicionada, eliciada, portanto, por um estímulo verbal condicionado ou como uma resposta fisiológica produzida por um estímulo verbal que se tornou membro de uma classe de estímulos equivalentes para a emissão dessa resposta fisiológica.

Em vista do exposto, no que diz respeito à condição corporal, o que parece comum aos autores analisados, excetuando a análise de Barlow, Rapee e Brown, (1992 [16]) e Zettle (2003 [43]) é o fato dessa alteração fisiológica ser importante para a definição de ansiedade, enquanto um dos componentes envolvidos na conceituação da mesma. Dessa forma, ela é importante enquanto objeto de análise, mas outras relações de maior complexidade devem ser levadas em consideração para um entendimento mais completo do fenômeno.

Ao tentarem definir a ansiedade, os autores permanecem sob controle de variações também no que se refere a ambientes sociais que favorecem a instalação ou manutenção da ansiedade. A este respeito, o que há de comum entre os autores é novamente a experiência com variáveis históricas ou atuais que envolvam contingências aversivas (Forsyth, 2000 [34]), Friman, Hayes e Wilson (1998 [27]), Zamignani e Banaco, 2005 [47]) e Wolpe (1981 [7]). Contudo para Zvolensky, Lejuez e Eifert (1998 [31]), Bouton, Mineka e Barlow (2001 [39]) e Forsyth (2000 [34]), a incontrollabilidade sobre estes eventos é considerada também relevante enquanto variável ambiental. Além disso, Bouton, Mineka e Barlow (2001 [39]) sinalizam a experiência de uma convivência com pais ansiosos enquanto uma possível variável de instalação de ansiedade, supondo, dessa forma, uma aprendizagem por imitação do repertório ansioso.

Um questionamento que pode ser realizado a este respeito refere-se à possibilidade de que não só contingências aversivas sejam capazes de instalar e manter o responder ansioso. Quanto à manutenção, algumas situações já foram discutidas, como por exemplo, o reforçamento positivo ou negativo como consequência às respostas de ansiedade como possíveis mantenedoras desse padrão.

É importante destacar também que a aversividade de uma situação não depende de propriedades intrínsecas a ela. Nenhum evento é em si mesmo reforçador, da mesma maneira que nenhum evento é em si mesmo aversivo. Desta maneira, o que vai definir uma condição como aversiva ou não é o contexto em que ocorre e as funções que adquire.

No senso comum, situações envolvendo punição, castigo, críticas sociais etc são vistas como aversivas, mas o que parece relevante é enfatizar que estas contingências tornam-se aversivas em função da história de vida de cada indivíduo. Sendo assim, considerar que a ansiedade é instalada ou mantida por contingências aversivas não elimina a possibilidade de uma investigação de quais eventos são tidos como aversivos em cada caso. Se essa análise é realizada, um leque de possibilidades se apresenta na discussão das variáveis relevantes para a conceituação de ansiedade. Variáveis históricas ou atuais que envolvam contingências positivas ou negativas, podem assumir caráter aversivo dependendo da história de sua manutenção e também do contexto cultural em que adquirem uma função.

Voltando às análises em torno dos componentes operantes verbais e que vão além de sua relação com a condição corporal característica de ansiedade, outras variações são encontradas. Algumas relações de maior complexidade são possíveis, principalmente, no que se refere às diferentes funções que esse verbal pode desempenhar no fenômeno de ansiedade.

Além das análises já descritas, uma outra possibilidade encontrada nos artigos analisados é a de que alguns eventos verbais como, por exemplo, cognições errôneas ou interpretações catastróficas possam assumir a função de operação estabelecadora, ao

alterar a sensibilidade do organismo a determinados eventos ambientais ou até mesmo de condições de seu próprio corpo (alterações fisiológicas), conforme descrito por Reiss, Peterson, Gursky e McNally (1986 [10]), Torres (2000 [38]), Wlazlo, Hartwing, Hand, Kaiser e Münchau (1990 [14]) e Wolpe (1981 [07]). Dessa forma, esses componentes operantes verbais alterariam a função de determinadas relações ou tornariam mais provável a ansiedade.

Outra variação é encontrada no caso de as autodescrições de ansiedade assumirem função de eliciadoras da condição corporal. Neste caso, elas não seriam apenas relatos verbais de um estado anterior. Sendo assim, o relato descritivo de ansiedade, pode assumir a função eliciadora da condição corporal, conforme Cone (1998 [26]), Eifert (1984 [09]), Eifert e Wilson (1991 [15]), Friman, Hayes e Wilson (1998 [27]), Friman, Wilson e Hayes (1998 [28]), Hayes, Hussian, Turner, Anderson e Grubb (1983 [8]), Hopko, McNaiel, Zvolensky e Eifert (2001 [40]), Lejuez, O'Donnell, Wirth, Zvolensky e Eifert (1998 [30]) e Zamignani. e Banaco (2005 [47]). Além disso, essas mesmas descrições verbais podem assumir um caráter aversivo conforme Zamignani. e Banaco (2005 [47]).

Esse entrelaçamento de relações entre estímulos e respostas, verbais e não verbais compõem o que Tourinho (2006b) considera um fenômeno com um grau de complexidade maior, devido à inclusão da linguagem e a possibilidade de relações indiretas. Segundo o autor, “o componente verbal, quando existe não simplesmente descreve a emoção, ele é parte da emoção” (p. 134).

Segundo essa perspectiva, os fenômenos denominados de eventos privados poderiam ser interpretados de acordo com o modelo de seleção pelas conseqüências, do

qual participam relações produzidas no nível filogenético, ontogenético e cultural. A noção de um continuum de complexidade (Tourinho, 2006a) afirma que os fenômenos comportamentais podem ser interpretados de acordo com o grau de complexidade em que se apresentam as diversificadas e entrelaçadas relações envolvidas. Deste ponto de vista, fenômenos dos quais participam relações apenas de origem filogenética apresentar-se-iam como menos complexos do que aqueles dos quais participariam também relações produzidas pelo condicionamento respondente e operante; da mesma maneira em que estas seriam menos complexas ainda do que aquelas dos quais participariam além destas, relações que têm origem em um nível cultural. É importante frisar que os eventos devem ser entendidos levando em consideração uma inclusividade entre as relações nos três níveis. Sendo assim, “complexidade significa um tipo de inclusividade. Um fenômeno comportamental mais complexo é aquele que inclui relações adicionais, em algum ponto do nosso continuum, como um resultado de variáveis seletivas filogenéticas, ontogenéticas e culturais” (Tourinho, 2006a, p. 25).

Essa análise se mostra importante enquanto um modelo de interpretação dos fenômenos comportamentais de uma maneira geral. Dessa forma, segundo Tourinho (2006a),

conceitos tais como ‘depressão’ e ‘ansiedade’ usualmente referem-se a um conjunto de relações que estão de alguma maneira conectadas; por exemplo, padrões de interação social, repertórios de auto-observação, outras respostas públicas sob controle de autodescrições etc. O que liga todos esse fenômenos ao campo da privacidade é o fato de que para cada um deles há relações das quais uma estimulação privada ou uma resposta

encoberta podem fazer parte. Estes não são produtos colaterais de contingências de reforçamento, fenômenos inteiramente inobserváveis, ou simplesmente uma questão de uma contingência de três termos (p. 24).

Entendendo sob este enfoque, a ansiedade poderia apresentar-se sob a forma de um evento de maior ou menor complexidade dependendo dos tipos de relações envolvidas.

Quando se trata dos tipos de intervenção pode-se perceber que elas enfatizam aspectos diferentes dessas relações. Algumas intervenções enfatizam principalmente os aspectos relacionados à condição corporal, visando principalmente uma redução nos sintomas fisiológicos a fim de garantir uma diminuição da ansiedade. Essa perspectiva é encontrada em Barlow, Rapee e Brown (1992 [16]), Bornstein (1975 [02]), Bouton, Mineka e Barlow (2001 [39]), Forsyth (2000 [34]), Forsyth e Eifert (1996 [21]), Öst (1987 [11]), Öst (1988 [12]), Peterson (1995 [19]) e Zettle (2003 [43]).

Outras propostas de intervenção são realizadas enfocando as relações operantes não verbais envolvidas na definição de ansiedade, conforme Barbosa (2004 [44]), Bouton, Mineka e Barlow (2001 [39]), Cone (1998 [26]), Forsyth (2000 [34]), Forsyth e Eifert (1996 [20]), Friman, Hayes e Wilson (1998 [27]), Jones e Friman (1999 [32]), Queiroz e Guilhardi (2001 [41]), Santos (2000 [37]), Zamignani e Banaco (2005 [47]), Zamignani e Vermes (2003 [42]), Zinbarg (1993 [18]), Wlazlo, Hartwing, Hand, Kaiser e Münchau (1990 [14]), Wolpe (1977 [04]), Wolpe (1981 [07]) e Wolpe e Rowan (1988 [13]). São intervenções realizadas objetivando, principalmente, modificações ambientais e/ou comportamentais relacionadas com a contingência aversiva.

Por último, ressalta-se as intervenções que visam também uma modificação nas

relações operantes verbais envolvidas na ansiedade. Este é o caso, por exemplo, de Barbosa (2004 [44]), Cone (1998 [26]), Eifert (1984 [09]), Forsyth (2000 [34]), Hayes, Hussian, Turner, Anderson e Grubb (1983 [08]), Torres (2000 [38]), Zettle (2003 [43]), Weiss e Evans (1978 [06]) e Wlazlo, Hartwing, Hand, Kaiser e Münchau (1990 [14]). Neste caso, as intervenções têm como objetivo principal alterar a função dos eventos verbais, enquanto eliciadores da condição corporal característica de ansiedade.

À luz do modelo apresentado por Tourinho (2006a) pode-se interpretar esses diferentes tipos de intervenção como possibilidades de alcance da terapia analítico-comportamental. Dessa maneira, se entendemos o fenômeno de ansiedade enquanto um fenômeno comportamental com diferentes níveis de complexidade, as intervenções propostas devem visar as diferentes relações que se apresentam na definição do fenômeno. Ou seja, em alguns momentos, intervenções baseadas em condições operantes não verbais como a exposição ao evento temido etc. podem ser eficazes nos casos em que a ansiedade apresenta-se como um fenômeno que inclua relações dos níveis filogenético e ontogenético. No entanto, quando relações operantes verbais passam a fazer parte das relações envolvidas, estratégias de intervenção que lidem com estas relações talvez sejam necessárias. Como afirma Tourinho (2006a), “o terapeuta deve trabalhar para alterar essas funções de estímulo das respostas verbais sobre outros repertórios do indivíduo. Além desta intervenção, o terapeuta pode ter que lidar com as relações diretas que são parte da ansiedade do indivíduo” (p. 29).

Nesse sentido, não se trata de afirmar que uma intervenção é mais eficaz do que outra, mas sim de elucidar que se deve intervir sobre as relações que estão envolvidas, sendo elas dos níveis filogenético, ontogenético ou cultural. Como salienta Tourinho

(2006a), “perguntar sobre aqueles componentes ou relações comportamentais pode funcionar como uma estratégia conceitual, esclarecendo as classes de eventos com os quais nós podemos ter que lidar e uma estratégia de intervenção, esclarecendo as relações que precisam ser mudadas” (p. 29).

Portanto, a proposição de Tourinho (2006a) apresenta-se como uma possibilidade de interpretação dos fenômenos comportamentais. No que diz respeito à ansiedade, qualquer definição do fenômeno não pode ser realizada sem uma análise das diversas relações envolvidas. Nesse sentido, as práticas de intervenção devem ser embasadas numa análise funcional que abranja também as relações verbais possíveis, a fim de elucidar sob que condições a ansiedade de um sujeito em particular se apresenta e dessa forma, intervir sobre as relações necessárias.

O conceito de ansiedade, conforme indicado pelas análises construídas no decorrer deste trabalho, pode variar dependendo de alguns fatores. O primeiro deles diz respeito às contingências ambientais envolvidas. Neste caso, elas seriam consideradas predominantemente aversivas, mas que podem em alguns casos, ser reforçadoras. Essas contingências podem envolver ou não incontrolabilidade e/ou respostas de fuga/esquiva, mas sempre são antecedidas por um estímulo sinalizador.

O segundo aspecto diz respeito ao papel da condição corporal na definição de ansiedade. Quanto à isto, a condição corporal pode ser entendida enquanto subproduto das contingências aversivas; enquanto um evento que assume ora funções de estímulo (enquanto operação estabelecadora, estímulo discriminativo para respostas autodescritivas de ansiedade, discriminativo para respostas de fuga/esquiva ou discriminativo para respostas reforçadas positiva ou negativamente) ora de resposta

fisiológica do organismo eliciada por estímulos não verbais (estímulo pré-aversivo) ou por estímulos verbais (autodescrições de ansiedade).

O terceiro aspecto refere-se ao papel dos componentes operantes verbais na definição de ansiedade. Neste sentido, esses componentes podem assumir funções enquanto operação estabelecadora ou enquanto estímulos eliciadores da condição corporal.

Quanto ao quarto aspecto referente aos tipos de intervenção, tem-se a conclusão de que dependendo das relações envolvidas no fenômeno e das variações encontradas, as intervenções podem focar questões relativas a componentes em um nível filogenético, ontogenético ou cultural (verbal). A escolha da intervenção mais apropriada vai depender de uma análise de cada um desses níveis e das possibilidades de entrelaçamento entre as relações encontradas.

Quanto ao objetivo do presente trabalho de analisar a (in) compatibilidade dos diferentes usos do conceito de ansiedade dentro da análise do comportamento, pode-se concluir que as variações de definição encontradas não podem ser consideradas incompatíveis, na medida em que abordam diferentes relações de um fenômeno complexo. O que há de comum na definição de ansiedade em todos os autores é a importância de uma sinalização do estímulo aversivo pelo estímulo pré-aversivo. No entanto, a ênfase de alguns autores recai sobre a condição fisiológica analisando-a de diferentes modos. Em outros, a ênfase é direcionada para a dimensão operante não verbal; e, para outros, a ênfase recai sobre as respostas operantes verbais. O que é importante frisar é que aqueles autores que enfatizam apenas condições relacionadas a componentes respondentes o fazem sob controle de um aspecto da ansiedade; da mesma

forma, os que limitam sua análise aos componentes operantes não verbais ou verbais. Nenhuma dessas análises deve ser entendida enquanto mais ou menos completa, na medida em que se apresentam enquanto pontos de vista complementares.

Os diferentes usos do conceito de ansiedade analisados no trabalho se fazem sob recortes diferenciados de um mesmo fenômeno. Dessa maneira, o fenômeno da ansiedade, interpretado a partir de um continuum de complexidade pode, portanto, elucidar a importância de uma análise mais detalhada do papel dessas relações, das funções de cada um dos componentes envolvidos no fenômeno, bem como da escolha de intervenção enfocando as relações relevantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar os diferentes usos do conceito de ansiedade dentro da literatura da análise do comportamento, enquanto objetivo principal deste trabalho, mostrou-se como uma tarefa árdua de organização de informações, na medida em que cada texto analisado mostrava maior ou menor destaque sobre aspectos diferenciados do fenômeno.

A divergência conceitual apontada na Introdução do presente trabalho, mostrou-se como verdadeira e constante em todos os textos analisados. Alguns artigos fazem uso do conceito de ansiedade dando ênfase às contingências diretas envolvidas, ou seja, entendendo-a enquanto um fenômeno aprendido por meio de relações diretas entre organismo e ambiente, dessa forma, confirmando as proposições encontradas nas formulações de Skinner (1965, 1989), Millenson (1967/1975), Fester, Culbertson e Perrot Boren (1977) e Lundin (1977). Por outro lado, outros artigos tratam o fenômeno da ansiedade de acordo com as argumentações de Kanfer e Phillips (1974) e Friman, Hayes e Wilson (1998), ressaltando o papel de contingências indiretas e do verbal para uma conceituação de ansiedade.

Dessa maneira, face às diferentes abordagens para a ansiedade, encontradas na literatura analítico-comportamental e às elaborações que derivaram do exame dessa literatura no presente estudo, sugerimos um percurso para a sistematização das questões que se mostram relevantes para essa comunidade científica levando em consideração alguns aspectos.

Um deles refere-se ao fato de que a sinalização de um evento com função

reforçadora negativa ou positiva pode adquirir uma função aversiva. O evento sinalizador é, por isso, chamado de estímulo pré-aversivo (embora possa ser pré-reforço positivo). Além disso, o estímulo pré-aversivo elicia condições fisiológicas específicas e reduz a taxa de respostas mantida por reforço positivo. Essa condição fisiológica pode ter uma função estabelecadora, “imobilizando” o indivíduo e afetando assim sua responsividade a contingências ambientais. Entretanto, o efeito paralisante da sinalização de um evento aversivo (redução da taxa de resposta) pode ser maior do que o de um evento reforçador positivo, daí apenas o primeiro dar origem à queixa clínica.

Contudo, deve-se considerar também que o efeito aversivo condicionado do evento sinalizador pode depender de o indivíduo já ter adquirido repertórios de autocontrole, caracterizados por um responder sob controle de reforços atrasados, de maior magnitude. O autocontrole talvez explique porque é mais provável que o sinalizador de evento reforçador negativo assuma funções aversivas condicionadas. No autocontrole, nós aprendemos a responder sob controle de eventos positivos atrasados mesmo que existam conseqüências negativas imediatas, mas não sob controle de eventos aversivos atrasados.

Outro ponto diz respeito a incontrolabilidade de um evento aversivo poder acontecer com a sinalização pré-aversiva, como no caso da ansiedade, ou sem a sinalização pré-aversiva, como é o caso da depressão. Lembrando que quando há o pré-aversivo, ele próprio adquire funções aversivas. Desta forma, a ocorrência da sinalização do estímulo pré-aversivo, na ansiedade, confere ao fenômeno uma dimensão de previsibilidade. A inexistência de tal sinalização nas relações que definem a depressão confere a esta um componente de imprevisibilidade. As implicações para a

intervenção em cada caso merecem ainda ser examinadas.

A supressão condicionada aparece sob a forma de não aprender a responder sob contingências em que a resposta poderia produzir reforçamento negativo (depressão) e de não emitir uma resposta anteriormente aprendida, que pode produzir reforços positivos, quando exposto a um estímulo pré-aversivo (ansiedade). Em ambos os casos a condição fisiológica pode ter uma função estabelecadora (supressora) condicionada. Essa mesma função estabelecadora (supressora) pode vir a ser adquirida por estímulos associados à condição fisiológica, como, por exemplo, as autodescrições.

A partir de uma relação de pré-sinalização de um evento que tem função discriminativa em relações de reforço positivo ou negativo, redes com graus variáveis de complexidade podem ser constituídas, envolvendo relações operantes e/ou respondentes, com ou sem participação de estímulos verbais. Os diversos arranjos possíveis explicam os diferentes enfoques para o fenômeno da ansiedade e as diferentes alternativas de tratamento sugeridas.

Provavelmente, a escassez de trabalhos conceituais e empíricos focalizando a ansiedade sob a ótica da análise do comportamento decorra da diversidade dos arranjos de relações que podem definir o fenômeno, da possibilidade de abordá-lo a partir de cada um desses arranjos possíveis e da correspondente variedade de intervenções possíveis.

À luz dessa sistematização, uma agenda de pesquisas sobre a ansiedade na análise do comportamento poderia focalizar questões como: a) o papel da sinalização de reforçamento positivo e b) a relação entre dificuldades com o autocontrole e ansiedade.

Além disso, estudos experimentais que dessem conta de explicar o que realmente

provoca a supressão condicionada podem ser desenvolvidos. A importância deste tipo de estudo não é apenas a de disponibilizar uma explicação acerca de lacunas apresentadas nos modelos experimentais, mas de com isso, tentar entender também a função dessa supressão relacionada com a ansiedade enquanto um fenômeno comportamental, já que a supressão é tida como importante para a sua definição e é uma característica de pessoas ansiosas sentirem-se paralisadas diante de determinadas situações consideradas ansiogênicas.

Quanto às variações encontradas nos diferentes tipos de intervenção propostas para tratamento de ansiedade, o que pode ser observado é que, em última instância, as intervenções sempre estão voltadas para a dimensão fisiológica, e ela parece ser considerada como uma variável dependente na qual se observam os efeitos após manipulações nas contingências ambientais ou nos aspectos operantes verbais envolvidos. Dessa forma, mesmo quando se enfatizam aspectos operantes não verbais ou verbais, a ênfase recai sobre intervenções que sejam capazes de provocar uma diminuição de frequência, intensidade ou duração dos sintomas físicos característicos da ansiedade. Sendo assim, considera-se a necessidade de estudos conceituais e empíricos mais sistematizados nos quais outras medidas devam ser levadas em conta ao garantir a efetividade ou não de uma intervenção clínica comportamental.

REFERÊNCIAS

- Alencar, E. M. L. S. (1977). *Psicologia: Introdução aos princípios básicos do comportamento*. Petrópolis: Vozes.
- Barbosa, C. (2004). Ansiedade: Possíveis intervenções na análise do comportamento. Em M.Z.S. Brandão; F. C. S Conte; F. C. Brandão; Y. K. Ingberman; V. M. Silva; S. O. Oliane (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição, Vol 13*. pp. 163-167. Santo André, SP. ESEtec.
- Barlow, D. H., Rapee, R. M. & Brown, T. A. (1992). Behavioral treatment of generalized anxiety disorder. *Behavior Therapy, 23*, 551-570.
- Bornstein, P. H. (1975). Innovation in technique: a group-based induced anxiety. *Revista Mexicana de Analisis de la Conducta. Vol 1 (2)*: 299-301.
- Bouton, M. E.; Mineka, S. & Barlow, D. H. (2001). A modern learning theory perspective on the etiology of panic disorder. *Psychological Review, vol 108, n° 1*, pp. 4-32.
- Cavalcante, S. N. (1999). *Análise funcional na terapia comportamental: Uma discussão da recomendação do behaviorismo contextualista*. Dissertação de Mestrado. Belém: Programa de Pós Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Cone, J. D. (1998). Hierarchical views of anxiety: what do they profit us? *Behavior Therapy, 29*, 325 – 332.
- Eifert, G. H. (1984). The effects of language conditioning on various aspects of anxiety. *Behavior Research and Therapy, Vol 22, n° 1*, pp. 13-21.
- Eifert, G. H. & Wilson, P. H. (1991). The triple response approach to assessment: a

- conceptual and methodological reappraisal. *Behavior Research and Therapy*, Vol 29, N° 3, pp. 283-292.
- Estes, W. K. & Skinner, B. F. (1961). Some quantitative properties of anxiety. Em B. F. Skinner (Ed.), *Cumulative record. Enlarged Edition*. 2ª Edição (pp. 393-404). New York: Appleton Century – Crofts. Publicado originalmente em 1941.
- Ferster, C. B.; Culbertson, S. & Perrot Boren, M. C. (1977). *Princípios do comportamento*. São Paulo. Hucitec.
- Forsyth, J. P.; Eifert, G. H. (1996a). Systematic alarms in fear conditioning I: A reappraisal of what is being conditioned. *Behavior Therapy*, 27, 441-462.
- Forsyth, J. P. & Eifert, G. H. (1996b). The language of feeling and the feeling of anxiety: Contributions of the behaviorisms toward understanding the function-altering effects of language. *The Psychological Record*, 46, 607-649.
- Forsyth, J. P.; Eifert, G. H.; Thompson, R. N. (1996). Systematic alarms in fear conditioning II: An experimental methodology using 20% carbon dioxide inhalation as an unconditioning stimulus. *Behavior Therapy* 27, 391-415.
- Forsyth, J. P. (2000). A process – oriented behavioral approach to the etiology, maintenance, and treatment of anxiety – related disorders. In Michael J. Dougher (Ed). *Clinical Behavior Analysis*. pp. 153-180. Gear Street, Reno, NV.
- Forsyth, J. P.; Lejuez, C. W. & Finlay, C. (2000). Anxiogenic effects of repeated administrations of CO₂-enriched air: stability within sessions and habituation across time. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatric*, 31, 103-121.
- Friedman, B. H.; Thayer, J. F. & Borkovec, T. D. (2000). Explicit memory bias for

- threat words in generalized anxiety disorder. *Behavior Therapy*, 31, 745-756.
- Friman, P. C., Hayes, S. C. & Wilson, K. G. (1998). Why behavior analysts should study emotion: The example of anxiety. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 31, 137-156.
- Friman, P. C., Wilson, K. G. & Hayes, S. C. (1998). Behavior analysis of private events is possible, progressive, and nondualistic: A response to Lamal. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 31, 707-708.
- Guilhardi, H. J. (2004). Terapia por contingências de reforçamento. Em C. N. de Abreu & H. J. Guilhardi (Orgs.), *Terapia comportamental e cognitiva-comportamental – Práticas clínicas* (pp. 03-40). São Paulo: Roca.
- Hayes, S. C.; Hussian, R. A.; Turner, A. E.; Anderson, N. B. & Grubb, T. D. (1983). The effects of coping statements on progress through a desensitization hierarchy. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*. Vol 14, n° 2, pp. 117-129.
- Hollandsworth, J. G.; Glazeski, R. C. & Dressel, M. E. (1978). Use of social-skills training in the treatment of extreme anxiety and deficient verbal skills in the job-interview setting. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 11, number 2, 259-269.
- Hopko, D. R., McNaiel, D. W., Zvolensky, M. J. & Eifert, G. H. (2001). The relation between anxiety and skill in performance-based anxiety disorders: A behavioural formulation of social phobia. *Behavior Therapy*, 32, 185-207.
- Hunziker, M. H. L. (2005). O desamparo aprendido revisitado: Estudos com animais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, pp. 131-139.
- Jones, K. M.; Swearer, S. M. Friman, P. C. (1997). Relax and Try this instead:

- Abbreviated habit reversal for maladaptative self-biting. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 30, number 4, 697-699.
- Jones, K. M. e Friman, P. C. (1999). A case study of behavioral assessment and treatment of insect phobia. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 32, 95-98.
- Kanfer, F. H. & Phillips, J. S. (1974). *Os princípios da aprendizagem na terapia comportamental*. São Paulo: EPU.
- Lamal, P. A. (1998). Advancing backwards. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 31, number 4, 705-706.
- Lejuez, C. W.; O'Donnell, J. ; Wirth, O.; Zvolensky, M. J. e Eifert, G. H. (1998). Avoidance of 20% carbon dioxide-enriched air with humans. *Journal of the Experimental Analysis of behavior*, 70, 1. 79-86
- Leslie, J. C.; Tierney, K. J.; Robinson, C. P.; Keenam, M. & Watt, A. (1993). Differences between clinically anxious and non-anxious subjects in a stimulus equivalence training task involving threat words. *The Psychological Record*, 43, 153-161.
- Lundin, R. W. (1977). *Personalidade: Uma análise do comportamento*. Rachel Rodrigues Kerbauy (Tradução). 2ª edição. São Paulo: EPU.
- Madi, M. B. B. P. (2004). Reforçamento positivo: Princípio, aplicação e efeitos desejáveis. Em C. N. de Abreu & H. J. Guilhardi (Orgs.), *Terapia comportamental e cognitiva-comportamental – Práticas clínicas*, (pp. 41-54). São Paulo: Roca.
- Millenson, J. R. (1967/1975). *Princípios de análise do comportamento*. Brasília: Coordenada. Publicado originalmente em 1967.
- Neves, S. M. M.; Vandenbergh, L. M. A.; Oliveira, L. H. R.; Silva, A. V.; Oliveira, K.

- C. F.; Oliveira, J. D. S.; Santos, D. P. e Villane, M. C. (1999). O modelo da equivalência de estímulos na análise de distúrbios de ansiedade: os efeitos da história experimental e da qualidade de estímulos em sujeitos ansiosos e não-ansiosos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, Vol 1, n° 1*, pp. 57-66.
- Oliveira, M. A. & Duarte, A. M. M. (2004). Controle de respostas de ansiedade em universitários em situações de exposições orais. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, Vol VI, n° 2*, 183-199.
- Öst, L. G. (1987). Applied relaxation: description of a coping technique and review of controlled studies. *Behavior Research and Therapy, vol 25, n° 5*. pp. 397-409.
- Öst, L. G. (1988). Applied relaxation vs progressive relaxation in the treatment of panic disorder. *Behavior Research and Therapy, vol 26, n° 1*. pp. 13-22.
- Pessotti, I. (1978). *Ansiedade*. São Paulo: EPU
- Peterson, L. (1995). Special series: mechanisms, populations, and treatments innovations in anxiety disorders. *Behavior Therapy, 26*, 451-455.
- Queiroz, P. P. & Guilhardi, H. J. (2001). Identificação e análise de contingências geradoras de ansiedade: Caso clínico. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição, Volume 07*, (pp. 257-268). Santo André: ESETec.
- Reiss, S.; Peterson, R. A.; Gursky, D. M. & McNally, R. J. (1986). Anxiety sensitivity, anxiety frequency and the prediction of fearfulness. *Behavior Research and Therapy, vol 24, n° 1*, pp. 1-8.
- Sanger, D. J. & Blackman, D. E. (1976). The effects of d-Amphetamine o the temporal

- control of operant responding in rats during a preshock stimulus. *Journal of The Experimental Analysis of Behavior*, 26, number 3, 369-378.
- Santos, A. M. (2000). Modelo comportamental da ansiedade. Em R. R. Kerbauy (Org.), *Sobre comportamento e cognição, Volume 5*, (pp. 189- 191). Santo André: SET.
- Silva, M. T. A. (1997). Modelos animais de ansiedade. Em D. R. Zamignani (Org.). *Sobre Comportamento e Cognição, Vol 3*, pp. 91-96. Santo André, SP. ARBytes
- Simão, M. J. P. (2000). Terapia comportamental cognitiva: Técnicas para o tratamento de transtornos ansiosos. Em R. C. Wielenska (Org.), *Sobre comportamento e cognição, Volume 6*, (pp. 248-255). Santo André: ARBytes.
- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, 270-277/291-294.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. Englewood Cliffs, New Jersey.
- Skinner, B. F. (1965). *Science and human behavior*. New York/London: Free Press/Collier MacMillan. Publicado originalmente em 1953.
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Columbus, Toronto: Merrill.
- Torres, N. (2000). Ansiedade: o enfoque do behaviorismo radical respaldando procedimentos clínicos. Em R. C. Wielenska (Org). *Sobre comportamento e cognição. Vol 6*, pp. 228-238. Santo André, SP. ARBytes.
- Tourinho, E. Z. (1999). Eventos privados: O que, como e porque estudar. Em R. R. Kerbauy & R. C. Wielenska (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição, Volume 4*, (pp. 13-25). Santo André: ARBytes.
- Tourinho, E. Z., Cavalcante, S. N., Brandão, G. G. & Maciel, J. M. (2000). Internalismo

- e externalismo na literatura sobre eficácia e efetividade da Psicoterapia. Em H. J. Guilhardi (Org) *Sobre comportamento e cognição, Volume 7*, (pp. 234-256). Santo André: ESETec.
- Tourinho, E. Z. (no prelo). Eventos privados como resposta verbal. *Sobre comportamento e cognição*.
- Tourinho, E. Z. (2006a). Private stimuli, covert responses and private events: Conceptual remarks. *The Behavior Analyst, 29*, 13-31.
- Tourinho, E. Z. (2006b). Subjetividade e relações comportamentais. Tese (Professor Titular). Departamento de Psicologia Experimental. Universidade Federal do Pará. Belém, Pará.
- Turner, R. M. (1996). A dessensibilização sistemática. Em V. E. Caballo (Ed.), *Manual de técnicas de terapia e modificação de comportamento* (pp. 167-195). 1ª Edição. São Paulo: Santos.
- Tyndall, I. T.; Roche, B & James, J. E. (2004). The relation between stimulus function and equivalence class formation. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 81*, number 3, 257-266.
- Viliers, P. A. e Millenson, J. R. (1972). Concurrent performances: a baseline for the study of conditioned anxiety. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 18*, 287-294. Number 2.
- Zamignani, D. R. (2004). Dessensibilização sistemática ao vivo. Em C. N. de Abreu & H. J. Guilhardi (Orgs.), *Terapia comportamental e cognitiva-comportamental – Práticas clínicas* (pp. 169-176). São Paulo: Roca.
- Zamignani, D. R. e Banaco, R. A. (2005). Um panorama Analítico-Comportamental

- sobre os transtornos de ansiedade. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. pp. 77-92. Volume VII. Número 1.
- Zamignani, D. R. & Vermes, J. S. (2003). Propostas Analítico-Comportamentais para o manejo de transtornos de ansiedade: análise de casos clínicos. Em Hérika de M. Sadi et al (Orgs). *Ciência do Comportamento – conhecer e avançar – Vol 3*. pp. 117-135. 1ª edição. Santo André, SP: ESETec.
- Zettle, R. D. (2003). Acceptance and commitment therapy (ACT) vs systematic desensitization in treatment of mathematics anxiety. *The Psychological Record*, 53, 197-215.
- Zinbarg, R. E. (1993). Information processing and classical conditioning: implications for exposure therapy and the integration of cognitive therapy and behavior therapy. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, Vol 24, nº 2, pp. 129-139.
- Zvolensky, M. J.; Lejuez, C. W. & Eifert, G. H. (1998). The role of offset control in anxious responding: An experimental test using repeated administrations of 20% carbon dioxide-enriched air. *Behavior Therapy*, 29, 193-209.
- Weiss, A. R. & Evans, I. M. (1978). Process studies in language conditioning – I: Counterconditioning of anxiety by “calm” words. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, Volume 9, 2, pp. 115-119.
- Wlazlo, Z.; Hartwing, K. S.; Hand, I.; Kaiser, G. & Münchau, N. (1990). Exposure in vivo vs social skills training for social phobia: long-term outcome and differential effects. *Behavior Research and Therapy*, 28, 3, pp. 181-193.
- Wolpe, J. (1977). Inadequate behavior analysis: the Achilles hell of outcome research in

behavior therapy. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, Vol 8 (1): 1-3.

Wolpe, J. (1981). The dichotomy between classically conditioned and cognitively learned anxiety. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*; Vol 12 (1): 35-42.

Wolpe, J. & Rowan, V. C. (1988). Panic Disorder: a product of classical conditioning. *Behavior Research and Therapy*, vol 26, n° 6. pp. 441-450.

Woods, D. W. e Miltenberger, R. G. (1996). Are persons with nervous habits nervous? A preliminary examination of habits function in a nonreferred population. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 29, number 2, 259-261.

ANEXOS

Anexo 01 – Lista de artigos selecionados

Número de registro	Referência
Texto 1	Viliers, P. A. e Millenson, J. R. (1972). Concurrent performances: a baseline for the study of conditioned anxiety. <i>Journal of the Experimental Analysis of Behavior</i> , 18, 287-294. Number 2.
Texto 2	Bornstein, P. H. (1975). Innovation in technique: a group-based induced anxiety. <i>Revista Mexicana de Analisis de la Conducta. Vol 1 (2)</i> : 299-301.
Texto 3	Sanger, D. J. & Blackman, D. E. (1976). The effects of d-Amphetamine o the temporal control of operant responding in rats during a preshock stimulus. <i>Journal of The Experimental Analysis of Behavior</i> , 26, number 3, 369-378.
Texto 4	Wolpe, J. (1977). Inadequate behavior analysis: the Achilles hell of outcome research in behavior therapy. <i>Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry</i> , Vol 8 (1): 1-3.
Texto 5	Hollandsworth, J. G.; Glazeski, R. C. & Dressel, M. E. (1978). Use of social-skills training in the treatment of extreme anxiety and deficient verbal skills in the job-interview setting. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 11, number 2, 259-269.
Texto 6	Weiss, A. R. & Evans, I. M. (1978). Process studies in language conditioning – I: Counterconditioning of anxiety by “calm” words. <i>Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry</i> , Volume 9, 2, pp. 115-119.
Texto 7	Wolpe, J. (1981). The dichotomy between classical conditioned and cognitively learned anxiety. <i>Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry</i> ; Vol 12 (1): 35-42.
Texto 8	Hayes, S. C.; Hussian, R. A.; Turner, A. E.; Anderson, N. B. & Grubb, T. D. (1983). The effects of coping statements on progress through a desensitization hierarchy. <i>Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry. Vol 14, n° 2</i> , pp. 117-129.
Texto 9	Eifert, G. H. (1984). The effects of language conditioning on various aspects of anxiety. <i>Behavior Research and Therapy</i> , Vol 22, n° 1, pp. 13-21.
Texto 10	Reiss, S.; Peterson, R. A.; Gursky, D. M. & McNally, R. J. (1986). Anxiety sensitivity, anxiety frequency and the prediction of fearfulness. <i>Behavior Research and Therapy</i> , vol 24, n° 1, pp. 1-8.
Texto 11	Öst, L. G. (1987). Applied relaxation: description of a coping technique and review of controlled studies. <i>Behavior Research and Therapy</i> , vol 25, n° 5. pp. 397-409.
Texto 12	Öst, L. G. (1988). Applied relaxation vs progressive relaxation in the treatment of panic disorder. <i>Behavior Research and Therapy</i> , vol 26, n° 1. pp. 13-22.

Texto 13	Wolpe, J. & Rowan, V. C. (1988). Panic Disorder: a product of classical conditioning. <i>Behavior Research and Therapy</i> , vol 26, n° 6. pp. 441-450.
Texto 14	Wlazlo, Z.; Hartwing, K. S.; Hand, I.; Kaiser, G. & Münchau, N. (1990). Exposure in vivo vs social skills training for social phobia: long-term outcome and differential effects. <i>Behavior Research and Therapy</i> , 28, 3, pp. 181-193.
Texto 15	Eifert, G. H. & Wilson, P. H. (1991). The triple response approach to assessment: a conceptual and methodological reappraisal. <i>Behavior Research and Therapy</i> , Vol 29, N° 3, pp. 283-292.
Texto 16	Barlow, D. H.; Rapee, R. M. & Brown, T. A. (1992). Behavioral treatment of generalized anxiety disorder. <i>Behavior Therapy</i> , 23, 551-570.
Texto 17	Leslie, J. C.; Tierney, K. J.; Robinson, C. P.; Keenam, M. & Watt, A. (1993). Differences between clinically anxious and non-anxious subjects in a stimulus equivalence training task involving threat words. <i>The Psychological Record</i> , 43, 153-161.
Texto 18	Zinbarg, R. E. (1993). Information processing and classical conditioning: implications for exposure therapy and the integration of cognitive therapy and behavior therapy. <i>Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry</i> , Vol 24, n° 2, pp. 129-139.
Texto 19	Peterson, L. (1995). Special series: mechanisms, populations, and treatments innovations in anxiety disorders. <i>Behavior Therapy</i> , 26, 451-455.
Texto 20	Forsyth, J. P. & Eifert, G. H. (1996b). The language of feeling and the feeling of anxiety: Contributions of the behaviorisms toward understanding the function – altering effects of language. <i>The Psychological Record</i> , 46, 607-649.
Texto 21	Forsyth, J. P.; Eifert, G. H. (1996a). Systematic alarms in fear conditioning I: A reappraisal of what is being conditioned. <i>Behavior Therapy</i> , 27, 441-462.
Texto 22	Forsyth, J. P.; Eifert, G. H.; Thompson, R. N. (1996). Systematic alarms in fear conditioning II: An experimental methodology using 20% carbon dioxide inhalation as an unconditioning stimulus. <i>Behavior Therapy</i> 27, 391-415.
Texto 23	Woods, D. W. e Miltenberger, R. G. (1996). Are persons with nervous habits nervous? A preliminary examination of habits function in a nonreferred population. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 29, number 2, 259-261.
Texto 24	Jones, K. M.; Swearer, S. M. Friman, P. C. (1997). Relax and Try this instead: Abbreviated habit reversal for maladaptative self-biting. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 30. number 4, 697-699.
Texto 25	Silva, M. T. A. (1997). Modelos animais de ansiedade. Em D. R. Zamignani (Org). <i>Sobre Comportamento e Cognição</i> , Vol 3, pp. 91-96. Santo André, SP. ARBytes

Texto 26	Cone, J. D. (1998). Hierarchical views of anxiety: what do they profit us? <i>Behavior Therapy</i> , 29, 325 – 332.
Texto 27	Friman, P. C., Hayes, S. C. & Wilson, K. G. (1998). Why behavior analysts should study emotion: The example of anxiety. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 31, 137-156.
Texto 28	Friman, P. C. ; Wilson, K. G. e Hayes, S. (1998). Behavior Analysis of private events is possible, progressive, and nondualistic: A response to Lamal. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 31, number 4, 707-708.
Texto 29	Lamal, P. A. (1998). Advancing backwards. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 31, number 4, 705-706
Texto 30	Lejuez, C. W.; O'Donnell, J. ; Wirth, O.; Zvolensky, M. J. e Eifert, G. H. (1998). Avoidance of 20% carbon dioxide-enriched air with humans. <i>Journal of the Experimental Analysis of behavior</i> , 70, Número 1. 79-86
Texto 31	Zvolensky, M. J.; Lejuez, C. W. & Eifert, G. H. (1998). The role of offset control in anxious responding: An experimental test using repeated administrations of 20% carbon dioxide-enriched air. <i>Behavior Therapy</i> , 29, 193-209.
Texto 32	Jones, K. M. e Friman, P. C. (1999). A case study of behavioral assessment and treatment of insect phobia. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 32, 95-98.
Texto 33	Neves, S. M. M.; Vandenbergh, L. M. A.; Oliveira, L. H. R.; Silva, A. V.; Oliveira, K. C. F.; Oliveira, J. D. S.; Santos, D. P. e Villane, M. C. (1999). O modelo da equivalência de estímulos na análise de distúrbios de ansiedade: os efeitos da história experimental e da qualidade de estímulos em sujeitos ansiosos e não-ansiosos. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i> , Vol 1, n° 1, pp. 57-66.
Texto 34	Forsyth, J. P. (2000). A process – oriented behavioral approach to the etiology, maintenance, and treatment of anxiety – related disorders. In Michael J. Dougher (Ed). <i>Clinical Behavior Analysis</i> . pp. 153-180. Gear Street, Reno, NV.
Texto 35	Forsyth, J. P.; Lejuez, C. W. & Finlay, C. (2000). Anxiogenic effects of repeated administrations of CO2-enriched air: stability within sessions and habituation across time. <i>Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatric</i> , 31, 103-121.
Texto 36	Friedman, B. H.; Thayer, J. F. & Borkovec, T. D. (2000). Explicit memory bias for threat words in generalized anxiety disorder. <i>Behavior Therapy</i> , 31, 745-756.
Texto 37	Santos, A. M. (2000). Modelo comportamental da ansiedade. Em R. R. Kerbaui. <i>Sobre comportamento e cognição</i> , Vol 5, pp. 189-191. Santo André, SP. SET

Texto 38	Torres, N. (2000). Ansiedade: o enfoque do behaviorismo radical respaldando procedimentos clínicos. Em R. C. Wielenska (Org). <i>Sobre comportamento e cognição. Vol 6</i> , pp. 228-238. Santo André, SP. ARBytes.
Texto 39	Bouton, M. E.; Mineka, S. & Barlow, D. H. (2001). A modern learning theory perspective on the etiology of panic disorder. <i>Psychological Review, vol 108, n° 1</i> , pp. 4-32.
Texto 40	Hopko, D. R.; McNaiel, D. W.; Zvolensky, M. J. & Eifert, G. H. (2001). The relation between anxiety and skill in performance-based anxiety disorders: A behavioural formulation of social phobia. <i>Behavior Therapy, 32</i> , 185-207.
Texto 41	Queiroz, P. P. & Guilhardi, H. J. (2001). Identificação e análise de contingências geradoras de ansiedade: caso clínico. Em H. J. Guilhardi; M. B. B. P. Madi; P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs), <i>Sobre comportamento e cognição, Vol 07</i> ,(pp. 257-268). Santo André, SP: ESEtec.
Texto 42	Zamignani, D. R. & Vermes, J. S. (2003). Propostas Analítico-Comportamentais para o manejo de transtornos de ansiedade: análise de casos clínicos. Em Hérika de M. Sadi et al (Orgs). <i>Ciência do Comportamento – conhecer e avançar – Vol 3</i> . pp. 117-135. 1ª edição. Snato André, SP: ESEtec.
Texto 43	Zettle, R. D. (2003). Acceptance and commitment therapy (ACT) vs systematic desensitization in treatment of mathematics anxiety. <i>The Psychological Record, 53</i> , 197-215.
Texto 44	Barbosa, C. (2004). Ansiedade: Possíveis intervenções na análise do comportamento. Em M.Z.S. Brandão; F. C. S Conte; F. C. Brandão; Y. K. Ingberman; V. M. Silva; S. O. Oliane (Orgs.). <i>Sobre comportamento e cognição, Vol 13</i> . pp. 163-167. Santo André, SP. ESEtec.
Texto 45	Tyndall, I. T.; Roche, B & James, J. E. (2004). The relation between stimulus function and equivalence class formation. <i>Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 81, number 3</i> , 257-266.
Texto 46	Oliveira, M. A. & Duarte, A. M. M. (2004). Controle de respostas de ansiedade em universitários em situações de exposições orais. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, Vol VI, n° 2</i> , 183-199.
Texto 47	Zamignani, D. R. e Banaco, R. A. (2005). Um panorama Analítico-Comportamental sobre os transtornos de ansiedade. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. pp. 77-92. Volume VII. Número 1.</i>

Anexo 2 – Frequência de autoria (ou co-autoria) nos artigos selecionados

Autor	Quantidade de artigos	Autor	Quantidade de artigos
Anderson, N. B.	1	O'Donnell, J.	1
Banaco, R. A	1	Oliveira, L. H.	1
Barbosa, C.	1	Oliveira, K. C.	1
Barlow, D. H.	1	Oliveira, M. A	1
Barlow, D. R	1	Oliveira, J. D. S.	1
Blackman, D. E.	1	Öst, L. G	2
Borkovec, T. D.	1	Peterson, L.	1
Bornstein, P. H.	1	Peterson, R. A	1
Bouton, M. E.	1	Peterson, L.	1
Brown, T. A	1	Queiroz, P. P.	1
Cone, J. D.	1	Rapee, R. M	1
Dressel, M. E.	1	Reiss, S.	1
Duarte, A. M. M.	1	Robinson, C. P.	1
Eifert, G. H	8	Roche, B.	1
Evans, I. M.	1	Rowan, V. C.	1
Finlay, C.	1	Sanger, D. J.	1
Forsyth, J. P.	5	Santos, A. M	1
Friedman, B. H.	1	Santos, D. P	1
Friman, P.C	4	Silva, A. V.	1
Glazeski, R. C.	1	Silva, M. T. A	1
Guilhardi, H. J.	1	Swearer, S. M.	1
Grubb, T. D.	1	Thayer, J. F.	1
Gursky, D. M.	1	Thompson, R. N.	1
Hand, I.	1	Tierney, K. J.	1
Hayes, S. C	3	Torres, N.	1
Hartwing, K. S.	1	Turner, A. E.	1
Hollandsworth, J. G.	1	Tyndall, I. T.	1
Hopko, D. R	1	Vandenberghe, L. M. A	1
Hussian, R. A	1	Vermes, J. S.	1
James, J. E	1	Villane, M. C.	1
Jones, K. M.	2	Viliers, P. A	1
Kaiser, G.	1	Zamignani, D. R	2
Keenam, M.	1	Zettle, R. D.	1
Lamal, P. A	1	Zinbarg, R. E.	1
Lejuez, C. W	3	Zvolensky, M. J.	3
Leslie, J. C	1	Watt, A	1
McNaiel, D. W.	1	Weiss, A. R.	1
McNally, R. J.	1	Wlazlo, Z.	1
Millenson, J. R.	1	Wilson, K. G.	2
Miltenberger, R. G.	1	Wilson, P. H.	1
Mineka, S.	1	Wirth, O	1
Münchau, N.	1	Wolpe, J.	3
Neves, S. M. M	1	Woods, D. W.	1

Anexo 03 – Síntese das ocorrências de categorias de registro por texto.

	Componentes respondentes	Componentes Operantes	Componentes Verbais	Perspectiva de Intervenção
Texto 1	X	Supressão condicionada	x	x
Texto 2	Respostas fisiológicas como indicativos do estado de ansiedade	x	x	Indução de ansiedade como técnica para reduzir ou extinguir respostas de ansiedade - condicionamento operante de estados de ansiedade, eliciação de ansiedade e substituição por respostas não ansiosas (relaxamento)
Texto 3	X	Supressão condicionada	x	x
Texto 4	X	x	x	Correção de concepções errôneas
				Descondicionamento
				Os dois tipos de intervenções juntas (cognitiva e descondicionamento)
Texto 5	X	x	x	Treino de habilidades sociais
Texto 6	X	x	Palavras referentes a estímulos afetivos adquirem valor emocional - condicionamento da linguagem	Modificação do valor afetivo de estímulos clinicamente significantes

	Componentes respondentes	Componentes Operantes	Componentes Verbais	Perspectiva de Intervenção
Texto 7	Repostas autonômicas como indicativos do estado de ansiedade	Esquiva de estimulação aversiva - uma característica da resposta de medo	Resposta de medo devido a cognições errôneas	Inibição recíproca
	Condicionamento emocional direto - respondente			Procedimentos de descondicionamento - Dessensibilização / Inundação
		Experiência repetida com pais e professores excessivamente punitivos ou críticos (medo neurótico como resultado)		Soluções cognitivas - intervenção sobre as falsas cognições
Texto 8	X	x	Regras em si (p.ex. "enfrente") e as contingências que as geram, controlam o comportamento que compete com uma resposta de ansiedade, ou pelo menos, seu relato - AUTOVERBALIZAÇÕES	Adição de afirmações de enfrentamento à técnica de dessensibilização

	Componentes respondentes	Componentes Operantes	Componentes Verbais	Perspectiva de Intervenção
Texto 9	X	Evitação do estímulo/situação temida	Fobias adquiridas através de aprendizagem vicária e instruções - REGRAS	Modificação de autoverbalizações negativas
			Condicionamento semântico	Mudanças das respostas emocionais negativas - através do condicionamento da linguagem
			Auto-instruções - AUTOREGRAS	
Texto 10	Condicionamento respondente	Aprendizagem associativa de que dados estímulos produzem ansiedade/medo	Crenças de que a experiência de ansiedade causa doenças, ou ansiedade adicional - sensibilidade à ansiedade	x
		Evitação de estímulos que provocam ansiedade	Crenças negativas sobre ansiedade - predisposição para aumento de ansiedade	
Texto 11	Reação fisiológica - um dos componentes da reação de ansiedade	Tentativa de escapar da situação temida - um dos componentes da reação de ansiedade	Crenças negativas - um dos componentes da reação de ansiedade	Relaxamento Aplicado - ensinar o cliente a reconhecer pequenos sinais de ansiedade e aprender a lidar com ela
Texto 12	X	x	x	Relaxamento Aplicado (relaxamento progressivo) - modo de escapar da situação fóbica levando a extinção das reações condicionadas

	Componentes respondentes	Componentes Operantes	Componentes Verbais	Perspectiva de Intervenção
Texto 13	Condicionamento pode envolver estímulos exógenos e endógenos	x	x	Dessensibilização gradual
	Ansiedade - resposta incondicionada			Descondicionamento da ansiedade como resposta à hiperventilação
				Inundação
Texto 14	Responsividade fisiológica - característica do aumento de ansiedade	Evitação de situações temidas	Ansiedade causada por antecipação cognitiva negativa	Exposição ao vivo
				Instruções para enfrentar as situações temidas apesar das reações fisiológicas negativas ou exagerá-las usando intenção paradoxal
				Aquisição das novas habilidades relacionadas aos déficits existentes
Texto 15	Atividade fisiológica - um dos sistemas envolvidos em problemas emocionais	Comportamento público - um dos sistemas envolvidos em problemas emocionais	Relatos verbais - um dos sistemas envolvidos em problemas emocionais	x
		Evitação e esquiva		

	Componentes respondentes	Componentes Operantes	Componentes Verbais	Perspectiva de Intervenção
Texto 16	Experienciar sintomas somáticos - característica de indivíduos com transtornos ansiosos (DSM)	x	x	Biofeedback e relaxamento -alvo (sintomas somáticos)
				Benzodiazepínicos- resultados de vida curta
				Terapia Cognitiva combinada com relaxamento - mais efetiva
Texto 17	X	x	x	x
Texto 18	X	x	x	Exposição ao estímulo que provoca ansiedade
				Terapia cognitiva - mais apropriada
				Treino de respiração
Texto 19	X	x	x	Relaxamento
Texto 20	Resposta do sistema nervoso central (respostas de alarme) como importante na def. de ansiedade, mas não suficiente	x	Relacionar arbitrariamente eventos verbais-simbólicos com outros eventos e funções psicológicas dentro de um contexto	Exposição ao vivo
	Condicionamento respondente			Condicionamento semântico - palavra associada com UCS que elicia R emocional passa a eliciar também essa R

	Componentes respondentes	Componentes Operantes	Componentes Verbais	Perspectiva de Intervenção
Texto 21	Respostas corporais como aversivas - S condicionado interoceptivo	Controle (real ou percebido) sobre a ocorrência de eventos aversivos - potencia ou reduz resposta de medo	Avaliações verbais de ameaça em resposta a eventos ensinados pela comunidade verbal como ameaçadores	Tratamento baseados na exposição ao evento temido e procedimentos de indução das respostas de medo (inalação de CO2 / provocar hiperventilação)
	Condicionamento Respondente		Condicionamento de segunda ordem	
	Dicas corporais- S antecedente p/ pânico	Transferência de função / equivalência de estímulos	S verbais - equivalentes a S físicos temidos - adquirem mesmas funções	Exposição Interoceptiva- componente adicional da terapia de exposição
Texto 22	Respostas corporais aversivas (falsos alarmes) na presença do evento aversivo - condicionamento	x	Condicionamento de segunda ordem - Linguagem simbólica	x
	Dicas corporais internas - S antecedente para alarmes aprendidos			
Texto 23	X	Hábitos ocorrem durante períodos de aumento de ansiedade e sua ocorrência é negativamente reforçada pela diminuição momentânea da tensão nervosa	x	x
Texto 24	X	x	x	Treino de relaxamento e respostas competitivas

	Componentes respondentes	Componentes Operantes	Componentes Verbais	Perspectiva de Intervenção
Texto 25	Respostas emocionais (elas próprias aversivas) e respostas do sistema nervoso autônomo - como mudança comportamental indicativa de estado de ansiedade	Comportamento de esquiva, interferência com o comportamento operante - mudanças comportamentais indicativas de ansiedade	x	x
		Supressão condicionada		
Texto 26	Responder fisiológico - componente da definição de ansiedade	Comportamento de evitação - componente da definição de ansiedade	Relatos cognitivos / verbais - componente da definição de ansiedade	Alterar contingências ambientais para produzir diferentes formas de responder
				Ensinar o cliente a falar diferentemente - reassumir a responsabilidade pelas circunstâncias
				ACT- aceitar a ansiedade como comportamento e não tentar controlá-la
Texto 27	Reatividade fisiológica - como componente da definição de ansiedade	Evitação de estimulação aversiva - constituinte central da ansiedade	Bidirecionalidade da linguagem - auto-discriminações dos sujeitos podem afetar seu comportamento	Exposição à situação temida - habituação, reforçamento positivo
		Entender o significado da afirmação - "Estou ansioso", requer conhecimento do contexto, atual e histórico, que ocasionou a afirmação		Desensibilização sistemática e prevenção de resposta

	Componentes respondentes	Componentes Operantes	Componentes Verbais	Perspectiva de Intervenção
Texto 28	X	Resposta de evitação	Teoria dos Quadros Relacionais - enquanto explicação da ansiedade	x
			Bidirecionalidade da Linguagem - falar afeta o falante	
Texto 29	X	x	x	x
Texto 30	Atividade autonômica - básico para definição de ansiedade	Evitação e esquiva	Relatos de sensações autonômicas - básico p/ definição de ansiedade	x
Texto 31	Sensações corporais incontroláveis - importante na etiologia e manutenção do pânico	Falta de controle sobre estimulação aversiva (interna-fisiológica / externa - ambiental) - desenvolvimento e manutenção de ansiedade	x	x
	O indivíduo responde ansiosamente a eventos corporais interoceptivos	Experiências prévias com eventos aversivos incontroláveis - aumento da probabilidade do indivíduo responder ansiosamente a dicas de medo		
Texto 32	X	Evitação e esquiva	x	Exposição hierárquica aos estímulos temidos

	Componentes respondentes	Componentes Operantes	Componentes Verbais	Perspectiva de Intervenção
Texto 33	x	x	x	x
Texto 34	Frequência, intensidade e duração de respostas corporais- estabelecer e manter comportamento ansioso diante de dicas corporais e ambientais	Evitação comportamental	Palavras referentes a estímulos afetivos adquirem valor emocional - condicionamento da linguagem	Exposição ao vivo e em imaginação / Inundação
		Evitação experiencial (engajar em comportamento para reduzir, controlar ou evitar experiências privadas)		Parada de pensamento
	Condicionamento Respondente	Supressão emocional		Ansiedade envolvendo relação entre eventos verbais e não verbais
		Importância do contexto do desenvolvimento e manutenção de ansiedade	Treino de respiração / relaxamento muscular progressivo	
História passada (eventos incontroláveis e imprevisíveis)	Reestruturação cognitiva			
Eventos estressantes	Técnica paradoxical - ACT			
Texto 35	x	x	x	x
Texto 36	x	x	Memórias implícitas - não consciente e automática a dicas de ameaça	x

	Componentes respondentes	Componentes Operantes	Componentes Verbais	Perspectiva de Intervenção
Texto 37	Reações físicas (sudorese, taquicardia, tremores, calafrios, etc) - manifestações objetivas da ansiedade	Diante de possibilidade de receber uma punição, a pessoa prepara-se para fugir - ansiedade	x	Conhecer a função do comportamento ansioso no dia-a-dia do cliente
				Alterar as contingências que operaram o comportamento ansioso - promovendo mudança de comportamento
Texto 38	x	x	Interpretações catastróficas quanto aos sintomas físicos - aumento de ansiedade	ACT- objetiva lidar com a esquiva de emoções e seus correlatos buscando uma recontextualização deles
				Levar o cliente a discriminar as autoverbalizações p/ o que elas verdadeiramente são e não o que elas dizem que são / enfraquecimento do contexto de literalidade

	Componentes respondentes	Componentes Operantes	Componentes Verbais	Perspectiva de Intervenção
Texto 39	Falsos alarmes condicionados a estímulos fisiológicos internos - condicionamento interoceptivo	Evitação ou comportamentos de esquiva que tem sido reforçados pela redução de ansiedade	Condicionamento da Linguagem	Exposição exteroceptiva e interoceptiva
		Evitação de comportamentos ou atividades que provocam sintomas similares aos que ocorrem durante o ataque de pânico	Pensamentos catastróficos e crenças negativas sobre ansiedade - aumento de ansiedade	Extinção e contracondicionamento dos eventos: interoceptivos, exteroceptivos, verbais e cognitivos - mais eficaz do que o contracondicionamento de apenas um deles
		Experiências prévias com controlabilidade dos eventos ambientais - afeta a probabilidade de desenvolver ansiedade	Controlabilidade, mediada por cognições - modelam a intensidade percebida de eventos aversivos	
		Convivência com pais ansiosos - propensão à agir ansiosamente		
		Experiências prévias com eventos incontroláveis e imprevisíveis - fator de vulnerabilidade à disordens de ansiedade		
Texto 40	Excitação fisiológica - componente da definição de ansiedade	Evitação e esquiva	Superestimar aspectos negativos e subestimar aspectos positivos - AUTOREGRAS	x

	Componentes respondentes	Componentes Operantes	Componentes Verbais	Perspectiva de Intervenção
Texto 41	Alterações no estado corporal detectados como desagradáveis - consequência de estimulação aversiva	Ansiedade enquanto estado corporal produzido pela contingência: estímulo sinaliza a apresentação do S aversivo e não há comportamento de fuga-esquiva possível	x	Alterar contingências das quais os comportamentos- problema e os sentimentos adversos são função
		Impossibilidade de emitir comportamento que impeça o aparecimento do aversivo - componente básico da def. ansiedade		Modelação de uma resposta de fuga-esquiva possível
		Supressão do comportamento operante vigente		Ensinar o cliente a descrever as contingências em operação, p/ que tenha a possibilidade de alterá-las.
Texto 42	x	Esquiva - manutenção das respostas de ansiedade	x	Identificação e alteração das contingências ambientais
				Técnica de exposição e prevenção de resposta
		FAP		
		Ampliação do contato do cliente com eventos reforçadores		
		Levantamento das habilidades e déficits pré-existentes		
Análise e intervenção sobre as				

		Reforçamento positivo (atenção social)		
	Componentes respondentes	Componentes Operantes	Componentes Verbais	Perspectiva de Intervenção
Texto 43	Aumento da tensão corporal - característico de ansiedade	x	x	Treino de relaxamento e manejo de estresse
				Mudanças na frequência, intensidade e forma de eventos privados
				Alteração do contexto em que os eventos privados funcionam (ACT)
				Aceitação psicológica e desencorajamento de evitação experiencial
				Alteração dos contextos sócio-verbais
Texto 44	Ansiedade desencadeada p/ sensação de perigo iminente, tensão e ação do sistema nervoso simpático	Evento estressante previsível (maior controle) - menos resposta de ansiedade	x	Estratégias p/ ajudar cliente a perceber que ele tem controle sobre a situação de ameaça
	Ansiedade como um alarme			Mudança no contexto sócio-verbal - ACT / também FAP
	Ansiedade estado / ansiedade traço	Esquiva		Análise funcional
				Exposição, dessensibilização, supressão de resposta
				Acompanhamento multidisciplinar

	Componentes respondentes	Componentes Operantes	Componentes Verbais	Perspectiva de Intervenção	
Texto 45	x	Equivalência de estímulos - relações derivadas entre estímulos	Condicionamento semântico - para uma pessoa com fobia a aranha, palavras tais como: aranha, venenoso, pernas cabeludas, etc podem controlar respostas de evitação assim como a aranha em si.	x	
Texto 46	Resposta de adaptação do organismo com componentes fisiológicos	Condição emocional complexa e aversiva	x	x	
	Condicionamento respondente	Supressão condicionada Comportamento de fuga / esquiva			
Texto 47	Excitação biológica / manifestações autonômicas e musculares- componentes da def. de ansiedade	Redução na eficiência comportamental	Relatos verbais de estados internos desagradáveis- componente da def. de ansiedade	Exposição e Prevenção de Resposta	
		Respostas de fuga/esquiva			Análise caso a caso
		Relação com algum evento aversivo (antecipação)			Avaliação funcional
		Supressão condicionada		Ampliação do contato do cliente com eventos reforçadores	
	Desconforto somático	Reforçamento positivo			
		Reforçamento negativo			
	Sensações físicas	Privação		RV como aversivas	Levantamento das habilidades e

		Equivalência de estímulos		
		Contingências aversivas como operações estabelecidas		
	Reações fisiológicas	Exposição a ambiente rico em estimulação aversiva,	Ansiedade elicidas por EP (pensamentos, sentimentos).	Análise e intervenção sobre as relações familiares
		Evitação experiencial (esquiva de experiências privadas)		
		Relações familiares (instalação e manutenção- problemas associados à ansiedade)		